

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

BRUNA SIQUEIRA MORAES DOS SANTOS

**INFLUÊNCIAS DOS CONTOS DE FADAS INFANTIS NA SEXUALIZAÇÃO
FEMININA: análise de canais do *YouTube*.**

Araraquara
2025



BRUNA SIQUEIRA MORAES DOS SANTOS

**INFLUÊNCIAS DOS CONTOS DE FADAS INFANTIS NA SEXUALIZAÇÃO
FEMININA: análise de canais do *YouTube*.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências de Letras, campus Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Mestre(a) em Educação Escolar.

Área de Concentração: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Andreza Marques de Castro Leão.

Araraquara

2025

S237i

Santos, Bruna Siqueira Moraes Dos

Influências dos contos de fadas infantis na sexualização feminina : análise de canais do YouTube. / Bruna Siqueira Moraes Dos Santos. -- Araraquara, 2025

98 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Andreza Marques de Castro Leão

1. contos de fadas. 2. educação sexual. 3. padrões de gênero. 4. sexualização feminina. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O impacto desta pesquisa apresenta-se no entendimento crítico sobre as narrativas de contos de fadas e sua relação com a sexualização feminina, contribuindo para os campos da educação, cultura e estudos de gênero. Dessa forma, por intermédio da análise dos principais canais do *YouTube*, observam-se dados significativos sobre as novas formas de consumo audiovisual infantil e propõe práticas educativas que utilizam essas plataformas de maneira crítica e consciente. Essa análise da plataforma *YouTube* conecta a pesquisa ao cenário global, possibilitando comparações e trocas de conhecimentos em escala internacional. A pesquisa aborda questões relevantes de gênero e sexualidade, tendo o potencial de promover a conscientização e reflexões sobre padrões, com potencial para gerar transformações sociais significativas no contexto escolar e familiar. E com a aplicação de ações pedagógicas baseadas nas conclusões da pesquisa, pode-se incentivar a produção de conteúdos digitais mais inclusivos e educacionais, alinhados às demandas contemporâneas por uma educação igualitária e não sexista. Do mesmo modo, contribui diretamente para a educação no Brasil, com ênfase na desconstrução de padrões de gênero desde a infância, sendo relevante para as escolas locais, regionais e nacionais. Além disso, o estudo fomenta a valorização de narrativas culturais que respeitam e celebram a diversidade, visto que investiga as representações femininas em contos de fadas e sua veiculação digital. Logo, a pesquisa visa promover a diversidade e a equidade de gênero na educação infantil alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), principalmente os que se relacionam à educação de qualidade (ODS 4) e à igualdade de gênero (ODS 5). Assim sendo, a pesquisa não só amplia o conhecimento sobre mídia e educação, mas também busca salientar a relevância de abordar questões de gênero de forma crítica desde a infância proporcionando bases teóricas e metodológicas para novos estudos que explorem a influência da mídia digital no desenvolvimento infantil.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The impact of this research is a critical understanding of fairy tale narratives and their relationship with female sexualization, contributing to the fields of education, culture and gender studies. In this way, by analyzing the main YouTube channels, significant

data on the new forms of children's audiovisual consumption is observed and educational practices that use these platforms in a critical and conscious way are proposed. This analysis of the YouTube platform connects the research to the global scenario, enabling comparisons and exchanges of knowledge on an international scale. The research addresses relevant issues of gender and sexuality and has the potential to promote awareness and reflection on standards, with the potential to generate significant social transformations in the school and family context. And with the application of pedagogical actions based on the conclusions of the research, the production of more inclusive and educational digital content can be encouraged, in line with contemporary demands for an egalitarian and non-sexist education. Likewise, it contributes directly to education in Brazil, with an emphasis on deconstructing gender patterns from childhood onwards, and is relevant to local, regional and national schools. In addition, the study encourages the valorization of cultural narratives that respect and celebrate diversity, as it investigates female representations in fairy tales and their digital dissemination. It therefore aims to promote diversity and gender equality in early childhood education in line with the Sustainable Development Goals (SDGs), especially those relating to quality education (SDG 4) and gender equality (SDG 5). As such, the research not only expands knowledge about media and education, but also seeks to highlight the relevance of addressing gender issues critically from an early age, providing theoretical and methodological foundations for further studies exploring the influence of digital media on child development.

BRUNA SIQUEIRA MORAES DOS SANTOS

INFLUÊNCIAS DOS CONTOS DE FADAS INFANTIS NA SEXUALIZAÇÃO

FEMININA: análise de canais do *YouTube*.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Mestre(a) em Educação Escolar.

Área de Concentração: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Data da defesa: 01/07/2025

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Andreza Marques de Castro Leão
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Prof^a. Dr^a. Luci Regina Muzzeti
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Prof. Dr. Darbi Masson Suficier
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Ilha Solteira

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação foi possível graças ao apoio e à orientação de pessoas essenciais ao longo desta jornada acadêmica.

Primeiramente, agradeço imensamente à minha orientadora, prof.^a Dr.^a Andreza Marques de Castro Leão, por sua orientação criteriosa e pela paciência. Sua sabedoria e comprometimento foram fundamentais para que eu pudesse superar os desafios e alcançar novos patamares de conhecimento. Agradeço à mestre Vanessa Cristina Scaringi por me ajudar nos momentos mais difíceis desta pesquisa e tirar todas minhas dúvidas sobre educação e sexualidade.

À prof.^a Dr.^a Luci Regina Muzzeti, que, com sua dedicação e paixão, traz ensinamentos valiosos e sempre busca o aprimoramento acadêmico e profissional de seus alunos.

Ao prof. Dr. Francisco de Paiva Lima Neto e ao prof. Dr. Darbi Masson Suficier, agradeço pelos valiosos apontamentos e contribuições oferecidos durante a qualificação e defesa da dissertação. As observações precisas e questionamentos instigantes foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa, ampliando minha compreensão sobre o tema e direcionando-me a caminhos mais sólidos e críticos ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Agradeço também à minha mãe, Solange, por seu amor incondicional e apoio inabalável. Seu incentivo e força foram essenciais para que eu pudesse percorrer esse caminho com determinação.

Minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar e à UNESP Araraquara, que proporcionaram um ambiente rico em aprendizado e colaboração, ampliando minha formação e fortalecendo minhas práticas e ideias.

Por fim, agradeço à UNIVESP, por meio da concessão da bolsa de estudos, que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa. Sem este suporte financeiro, seria muito mais difícil concretizar esta conquista.

A todos, meu sincero agradecimento.

“O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero.”
(Adichie, 2014, p. 31).

RESUMO

Os contos de fadas, quando abordados criticamente, auxiliam na formação do pensamento dos infantes, e muitos desses contos são hoje transmitidos em plataformas digitais, como o *YouTube*. É necessário observar como são apresentados às crianças, no intento da não perpetuação de padrões de gênero e para a não sexualização das personagens femininas. A presente pesquisa, de natureza qualitativa e cunho descritivo-analítica, se fundamenta na popularidade do conteúdo de contos de fadas entre crianças e no impacto que essas narrativas audiovisuais exercem na formação do imaginário infantil e na construção de papéis de gênero. Para a realização da análise, foram considerados os três maiores canais brasileiros de contos de fadas no *YouTube*: "Varal de Histórias", "*Kids Planet Portuguese*" e "Os Amiguinhos". Com um roteiro de análise, foi examinada a apresentação de alguns contos, tais como Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve e A Princesa e o Sapo, explorando aspectos visuais e narrativos para identificar se a sexualização das personagens e a presença de modelos de gênero são mantidos nesses contos ou modificados. Elementos como vestimentas, expressões e o contexto das personagens femininas foram avaliados, observando se a estrutura tradicional dos contos — onde as personagens femininas são retratadas de forma frágil, submissa e dependente do resgate masculino — permanece na versão digital. Nota-se que os contos são adaptados para o contexto moderno e para o formato visual do *YouTube*, sendo que persiste a essência das representações de gênero tradicionais. Nas histórias, às princesas e personagens femininas continuam a ser retratadas como belas e dependentes do apoio masculino para alcançar seus 'felizes para sempre', enquanto a estrutura narrativa reforça papéis de gênero, em que figuras masculinas assumem o papel de salvadores. Esse tipo de representação permite que as crianças internalizem noções restritivas sobre o que se espera de homens e mulheres, influenciando suas percepções sobre identidade e comportamento. Este aspecto salienta a necessidade de uma abordagem pedagógica que incentive a leitura crítica dos contos de fadas no âmbito da educação infantil. Os educadores precisam empregar essas histórias a partir de um prisma crítico, na perspectiva da educação sexual, como ferramenta para estimular o questionamento e a reflexão sobre papéis de gênero e a sexualização dos personagens, de modo a promover uma visão mais inclusiva, equânime e equitativa. Outrossim, sugere-se a adoção de práticas educativas inovadoras e críticas, aliadas a uma mediação cuidadosa, pois são fundamentais para desconstruir padrões e para contribuir com uma formação infantil que valorize a diversidade, a equidade de gênero e o respeito.

Palavras-chave: contos de fadas; educação sexual; padrões de gênero; sexualização feminina.

ABSTRACT

When critically approached, fairy tales help to shape children's thinking, and many of these tales are broadcast on digital platforms such as YouTube. However, it is necessary to observe how they are presented to children, with the aim of not perpetuating gender patterns and not sexualizing the female characters. This qualitative, descriptive-analytical research is based on the popularity of fairy tale content among children and the impact that these audiovisual narratives have on the formation of children's imagination and the construction of gender roles. In order to carry out the analysis, the three largest Brazilian fairy tale channels on YouTube were considered: "Varal de Histórias", "Kids Planet Portuguese" and "Os Amiguinhos". With an analysis script, the presentation of some tales, such as Rapunzel, Cinderella, Snow White and The Princess and the Frog, was examined, exploring visual and narrative aspects to identify whether the sexualization of the characters and the presence of gender models are maintained in these tales or modified. Elements such as clothing, expressions and the context of the female characters were evaluated, observing whether the traditional structure of the tales - where the female characters are portrayed as fragile, submissive and dependent on male rescue - remain in the digital version. It can be seen that the tales are adapted to the modern context and to the visual format of YouTube, but the essence of the traditional gender representations persists. In the stories, princesses and female characters continue to be portrayed as beautiful and dependent on male support to achieve their "happily ever after", while the narrative structure reinforces gender roles, in which male figures take on the role of saviors. This type of representation allows children to internalize restrictive notions about what is expected of men and women, influencing their perceptions of identity and behaviour. This aspect highlights the need for a pedagogical approach that encourages a critical reading of fairy tales in early childhood education. Educators need to use these stories critically from the perspective of sex education, as a tool to encourage questioning and reflection on gender roles and the sexualization of characters, in order to promote a more inclusive, equitable and fair vision. Furthermore, it is suggested that innovative and critical educational practices, combined with careful mediation, are fundamental to deconstructing patterns and contributing to a child's education that values diversity, gender equality and respect.

Keywords: fairy tales; sex education; gender patterns; female sexualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico sobre as características dos contos de fadas na versão original 70

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Ficha técnica dos contos de fadas

65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações do canal “Varal de Histórias”	71
Tabela 2 – Informações do canal “ <i>Kids Planet Portuguese</i> ”	74
Tabela 3 – Informações do canal “Os amiguinhos”	77

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	18
2 O INÍCIO DOS CONTOS DE FADAS.....	23
2.1 A LINHA DO TEMPO DOS CONTOS DE FADAS.....	23
2.2 A SEXUALIZAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS.....	34
2.3 OS PAPÉIS DE GÊNERO NOS CONTOS DE FADAS.....	37
3 OS CONTOS DE FADAS E O SÉCULO XXI.....	45
3.1 A EXPANSÃO DO USO DE TECNOLOGIAS NO COTIDIANO ESCOLAR.....	45
3.2 O AUMENTO DO USO DA <i>INTERNET</i> ENTRE OS INFANTES.....	51
3.3 A IMERSÃO DOS CONTOS DE FADAS NO <i>YOUTUBE</i>	55
3.4 OS CONTOS DE FADAS DO SÉCULO XXI.....	58
4 MÉTODO.....	63
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	68
5.1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	68
5.2 ANÁLISE TÉCNICA DOS CONTOS DE FADAS SELECIONADOS.....	70
5.2.1 Canal “Varal de Histórias”.....	71
5.2.2 Canal “ <i>Kids Planet Portuguese</i> ”.....	74
5.2.3 Canal “Os amiguinhos”.....	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ANÁLISE DOS VÍDEOS.....	96

APRESENTAÇÃO

O tema desta dissertação é fruto de um longo percurso de encantamento e questionamento sobre o mundo mágico dos contos de fadas e seu papel no aprendizado infantil.

Esses contos, com seus personagens carismáticos e suas lições atemporais, despertaram em mim o desejo de investigar como podem ser transmitidos às crianças de forma a contribuir efetivamente para seu desenvolvimento. Desde os primeiros anos de minha graduação na UNESP Araraquara, surgiu o interesse em compreender como os contos de fadas poderiam ser apresentados aos infantes de modo que fossem mais do que apenas entretenimento, verdadeiras fontes de conhecimento, reflexão e crescimento.

Nesse contexto, destacou-se a forma como as personagens femininas são representadas. Percebo que há uma necessidade urgente de enfatizar seus papéis e histórias sem cair em modelos ou retratá-las de forma sexualizada.

Ao apresentarmos essas figuras com mais profundidade e respeito, abrimos espaço para que as crianças, especialmente as meninas, possam ver nas personagens femininas verdadeiros exemplos de força, coragem e resiliência, não limitadas a uma visão padronizada de fracas, dependentes e subservientes.

Esta questão ganhou ainda mais relevância para mim ao longo do mestrado, onde as primeiras disciplinas estimularam leituras e debates sobre gênero e educação, que expandiram minha compreensão sobre a influência desses conteúdos no imaginário e no comportamento das crianças.

Outro aspecto central desta pesquisa é o impacto dos contos de fadas na formação de conceitos sobre gênero. Após estudos na área, percebi o potencial dos contos de fadas como uma ferramenta educativa para abordar o conceito de gênero de maneira lúdica e acessível, em especial no que se refere à desconstrução de papéis de gênero e ao incentivo para que todos, independentemente do gênero, possam se enxergar como protagonistas de suas próprias histórias. Essa abordagem permite que as crianças, desde pouca idade, desenvolvam uma visão mais crítica e equilibrada sobre as diferenças e a igualdade de gênero.

Além disso, com o crescimento das plataformas digitais, em especial o *YouTube*, há uma vasta quantidade de conteúdo de contos de fadas e pude analisar a forma como são adaptados e transmitidos.

Entretanto, a escolha desta graduação em pedagogia surgiu pelo fato de que este campo de estudo não apenas forma profissionais qualificados para atuar no ensino, mas também proporciona uma compreensão aprofundada dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Além disso, o curso me chamou a atenção, pois não se restringe à atuação em sala de aula.

O campo de trabalho do pedagogo é amplo e diverso, abrangendo áreas como gestão escolar, coordenação pedagógica, elaboração de materiais didáticos, políticas públicas e até mesmo a educação em ambientes não formais, como empresas, hospitais e organizações.

Outro ponto relevante foi a abordagem interdisciplinar do curso, que permite o diálogo com áreas como psicologia, sociologia e filosofia, promovendo uma visão holística do processo educativo.

Após a conclusão da graduação, foi necessário estudar mais sobre a educação escolar. Dessa forma, o mestrado em educação com ênfase na análise das narrativas dos contos de fadas configura-se como uma escolha acadêmica altamente relevante para compreender, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, as relações entre literatura, formação humana e os processos educativos. Tal foco permite investigar de forma aprofundada como esses textos, carregados de simbolismos e valores culturais, podem ser utilizados como instrumentos pedagógicos capazes de promover reflexões sobre identidade, subjetividade e questões éticas no ambiente escolar.

Ao analisar os contos de fadas, foi possível explorar questões ligadas à construção de gênero, às representações de poder e aos valores sociais presentes nessas narrativas. Essas questões tornam-se especialmente pertinentes no cenário educacional contemporâneo, que demanda práticas pedagógicas alinhadas a uma educação inclusiva e crítica. Por exemplo, compreender como padrões são reproduzidos ou desconstruídos nos contos de fadas pode oferecer subsídios para intervenções didáticas que promovam a diversidade e a equidade.

Assim, um dos objetivos desta dissertação é analisar como as narrativas estão sendo apresentadas na *internet* e discutir o impacto dessa exposição nas percepções infantis sobre gênero e identidade. Ao investigar o *YouTube* e seu papel na difusão dos contos de fadas, desejo entender se essa plataforma molda o imaginário das crianças e quais os possíveis impactos de uma representação positiva e não sexualizada das personagens femininas.

Portanto, esta dissertação não se limita a uma análise literária dos contos de fadas, mas, também, pretende contribuir para uma visão educativa e crítica do seu emprego. Meu objetivo é que, com o suporte desta pesquisa, os professores possam ver nesses contos uma poderosa ferramenta pedagógica, que vai além do encantamento, promovendo uma formação integral e igualitária para as crianças, em que temas como gênero, o empoderamento feminino e a diversidade sejam considerados.

1 INTRODUÇÃO

A história da sociedade é marcada pelo uso da narrativa. Antes da invenção da escrita as pessoas usavam a narração oral de histórias como principal meio de transmitir conhecimentos, valores e herança cultural de uma geração à outra. Nesse período existiam pessoas mais velhas responsáveis por contar histórias,

O primeiro registro (por sinal depreciativo) do tipo de história contado por elas surge do *Górgias* de Platão. Trata-se de uma referência ao *mythos graos*, o "conto das velhas", usado pelas amas para divertir ou assustar crianças. Já em *O asno de ouro*, de Apuleio, a história de Eros e Psiquê é narrada por uma velha (Merege, 2019, p. 22).

As características desses contos, narrados pelas amas na Idade Média, são claramente observadas nos contos de fadas. Tais contos têm suas origens em tempos antigos, remontando à tradição oral de diferentes culturas. Inicialmente, essas narrativas eram contadas de pessoa para pessoa, transmitindo valores e lições éticas. Neste contexto, os contos de fadas foram divulgados oralmente, com desfechos que carregavam uma moral.

Ademais, com o advento da imprensa na Idade Moderna, essas histórias orais foram registradas por escrito e divulgadas entre a população alfabetizada. Escritores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen reescreveram essas fábulas, adaptando-as e dando-lhes um toque pessoal (Volobuef, 1993). Assim, os contos de fadas atravessaram os séculos, mantendo sua essência de transmitir ensinamentos por meio de narrativas repletas de elementos de fantasia.

Isto posto, a contação de histórias para crianças é uma prática milenar e cativante, que pode compartilhar narrativas de maneira envolvente e persuasiva, construindo assim uma comunicação que ultrapassa culturas e gerações. O contador utiliza palavras, gestos, expressões e recursos visuais em alguns casos tecnológicos, para criar um ambiente no qual os ouvintes são transportados para universos fictícios, despertando emoções e conectando-se profundamente com o público.

Convém observar que os contos de fadas ajudam as crianças a aprenderem sobre valores morais, resolverem conflitos internos e a desenvolverem sua imaginação. Por meio das histórias, aprende-se sobre os significados dos contos que refletem a cultura e a psique humana.

De fato, a contação de histórias é uma ótima técnica de memorização podendo ser empregada no âmbito da educação infantil, seja na escola ou em casa. Além disso, ajuda a transmitir mensagens de forma ampla e detalhada, facilitando a compreensão e retenção de informações.

Com efeito, os contos de fadas fazem parte do cotidiano infantil. Segundo Sousa e Caldin (2017), essas histórias não tinham como foco o público infantil, haja vista que seu intento era retratar de maneira crítica a cultura da Idade Média e, por isso, os autores precisaram adaptar suas histórias para este público, pois até este momento histórico as histórias eram, em geral, violentas, tendo conteúdos de cunho sexual e cruéis.

Cabe observar que muitos desses contos retratam personagens femininas em papéis coadjuvantes, subservientes e inferiores frente aos personagens masculinos, e não de protagonistas e autoras de sua própria vida. Essas narrativas expõem meninas e mulheres como objeto de amor e devoção, em virtude dos atributos de beleza e charme, como também de submissão à figura masculina, visto que ficam à espera de um homem, o salvador, disposto a protegê-las dos algozes. Outrossim, em geral os contos trazem elementos de punição por qualquer tentativa de autonomia e liberdade das personagens, como fazem com as madrastas, bruxas e rainhas malvadas.

Como expressa Mendes (2000, p. 36),

As fadas, detentoras do poder mágico, podem representar a antiga divindade feminina das sociedades matriarcais como já se viu, ou a imagem arquetípica da mãe, com seu lado bom (fada) e seu lado mau (bruxa), a "deusa bela e generosa, mas também cruel", de que fala Jung. A princesa, ou moça pobre que se torna princesa, representa o caminho a ser percorrido pela mulher no papel que a sociedade patriarcal lhe reservou: a realização por meio do casamento. Estão aí representados tanto o poder quanto a fragilidade da mulher.

Este aspecto reforça os papéis de gênero em sociedade, em que homens são representados como tendo poder, força e virilidade, e as mulheres, por sua vez, como fracas, ingênuas e dependentes. E quando algum grupo social legitima papéis sobre a sexualidade e gênero, isso reflete no processo de construção social de uma criança, e acaba refletindo na realidade da sociedade, formando crenças ilusórias, e que se espera que a criança obedeça (Souza; Oliveira, 2021). Isso interfere na construção

dos papéis femininos e masculinos na sociedade, que contribuem, por sua vez, na perpetuação do machismo e do sexismo.

Ainda hoje no século XXI, ocorre a contação de histórias às crianças, mas de uma maneira diferente. No século atual ocorreu a intensificação do uso da *internet* (Ferreira, 2021), que conseqüentemente trouxe a maior utilização de textos no formato *online*, exemplo da contação de histórias por meio do *YouTube*. Essa plataforma, conhecida mundialmente, apresenta inúmeros canais que contam histórias infantis e contém inúmeros conteúdos que trazem dicas e sugestões pedagógicas.

Entretanto, ao se propor a análise de contos de fadas disponíveis no *YouTube* como objeto de estudo, é essencial reconhecer que o acesso a esse tipo de conteúdo não está igualmente ao alcance de todas as crianças, uma vez que fatores relacionados à posição social, como renda familiar, escolaridade dos responsáveis e infraestrutura tecnológica, limitam significativamente a presença e a permanência de muitas delas nesse ambiente digital (Silvério *et al.*, 2022).

A desigualdade social no Brasil e em outros países em desenvolvimento se manifesta de várias formas, e uma das mais marcantes no contexto contemporâneo é o acesso desigual à *internet* (Silvério *et al.*, 2022). Essa disparidade afeta diretamente as crianças, sobretudo no que diz respeito ao seu direito à educação, à informação e ao desenvolvimento pleno.

Considerando o largo emprego da *internet* e do *YouTube* na contação de histórias no cenário hodierno, se torna necessário analisar como os contos de fada estão sendo repassados a essa nova geração, visto que “historicamente, tais contos oferecem informações sobre a sociedade em diferentes aspectos, como as relações de poder, de afeto, as concepções familiares e a moralidade” (Bastos; Nogueira, 2016, p. 13), entrelaçando situações que envolvem os personagens do gênero feminino e masculino, em um cenário envolto pelo binarismo. Assim, é válido analisar se as versões digitais desses contos desafiam ou subvertem essas representações padronizadas, e mantêm uma dicotomia tradicional entre os gêneros.

Dessa forma, a pesquisa analisou os contos de fadas encontrados no *YouTube*, para entender o significado dessas histórias na sociedade atual e compreender seu impacto no desenvolvimento dos infantes. Também é importante refletir sobre as diferentes formas de contar essas histórias e os valores que se tem às novas gerações. Essas adaptações audiovisuais permitem comparar as versões antigas e discutir as diferenças na representação das histórias.

Analisar esses significados ajuda a compreender melhor as mensagens implícitas e o impacto que as histórias têm no desenvolvimento infantil. Sem contar que na sociedade atual muitos contos clássicos estão disponíveis em vídeos no *YouTube*, facilitando o acesso dessas narrações.

Para tal análise, partiu-se do princípio que os vídeos de contos de fadas encontrados no *YouTube* possuem narração e animação de personagens clássicos como princesas, príncipes, fadas e bruxas. Estes vídeos apresentam os contos de forma lúdica e no formato de desenho animado, chamando a atenção dos telespectadores.

Além disso, esses contos contados no *YouTube* apresentam e descrevem as origens e a evolução da história ao longo do tempo, incluindo teorias sobre suas raízes em mitos e doutrinas religiosas. Vale ressaltar que as raízes dos contos incluem a sexualização das personagens femininas, sobretudo porque o público-alvo não era o infantojuvenil.

Essas histórias devem ser ressignificadas na atualidade, visto que têm sido largamente empregadas com os infantes, de forma a assegurar que repassem ideias e valores não sexistas às crianças.

No século XXI, os contos de fadas apresentam variações e adaptações resultantes de mudanças ocorridas ao longo do tempo. Portanto, o *YouTube* oferece uma ampla gama de conteúdo relacionado aos contos, desde a simples narração e visualização desses clássicos, até análises mais profundas sobre sua função e evolução. No entanto, quando esses contos são apresentados aos infantes de forma inconsequente podem trazer consequências no entendimento sobre os papéis de gênero, contribuindo para perpetuar preconceitos enraizados na sociedade.

Logo, o objetivo desta pesquisa é analisar a sexualização feminina presente nos contos de fadas, disseminados em canais do *YouTube*, examinando os aspectos que evidenciam sua incidência. Elaborar, a partir disso, ações educativas que podem ser empregadas na utilização destes contos, no contexto escolar, na contramão deste processo, de maneira a contribuir para uma educação equânime, equitativa e não sexista.

A pesquisa também possui objetivos específicos, são eles:

- Descrever os três maiores canais de contos de fadas do *Youtube* no Brasil: “Varal de histórias”, “*Kids Planet Portuguese*” e “Os amiguinhos”;

- Relacionar a sexualização das personagens femininas presentes nos contos de fadas dos irmãos Grimm com as diferentes versões apresentadas nestes três canais do *Youtube*;
- Elaborar ações educativas voltadas à discussão da sexualização feminina presente nos contos (originais e/ou versões), de maneira a contribuir em prol da erradicação deste processo.

Assim, sintetiza-se que esses contos não estão sendo trabalhados com uma perspectiva crítica e emancipatória, e, sim, padronizado, o que auxilia na sexualização feminina, sobretudo de crianças.

2 O INÍCIO DOS CONTOS DE FADAS

2.1 A LINHA DO TEMPO DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas, como os conhecemos hoje, têm suas raízes nas tradições orais, onde as histórias eram passadas de geração em geração por meio da fala. Essas narrativas, recheadas de magia e moralidade, estavam intimamente ligadas à cultura popular, refletindo os valores, medos e desejos das sociedades em que surgiram. A transformação dessas histórias da oralidade para a escrita foi um marco importante na história da literatura e da cultura, permitindo sua preservação e disseminação em uma escala global.

A tradição oral é fundamental para entender a origem dos contos de fadas. Antes da invenção da escrita e da popularização da imprensa, a fala era o principal meio de transmissão de histórias. De acordo com Pereira e Santana (2023), "as narrativas orais eram profundamente dinâmicas e adaptáveis, sendo moldadas de acordo com os valores e a imaginação do contador de histórias" (p.5). Essas histórias não eram apenas divertidas, mas também tinham uma função educativa, transmitindo lições morais e refletindo a vida cotidiana.

As narrativas orais são um meio crucial de preservação cultural. Ao serem contadas e recontadas por diferentes gerações, as histórias orais funcionam como um mecanismo de transmissão de saberes ancestrais, valores sociais e crenças religiosas. Segundo Zanlorenzi e da Silva (2021), as narrativas orais são "o alicerce da identidade cultural de uma sociedade, sendo o elo entre o passado e o presente" (p. 13). Elas preservam as tradições, as línguas e as práticas culturais de povos que, em muitos casos, não possuem registros escritos de sua história.

Também desempenham um papel importante na educação de uma comunidade, especialmente em sociedades tradicionais. Muitas vezes, as histórias orais têm uma função pedagógica, sendo utilizadas para transmitir ensinamentos sobre moralidade, ética e normas sociais. Como escreve o educador Agostini (2018), "a oralidade tem o poder de educar e conscientizar, pois permite que a sabedoria popular seja transmitida de forma simples, mas profunda" (p.15).

Ademais, as narrativas orais ajudam a reforçar o senso de pertencimento e solidariedade entre os membros de uma comunidade. Quando um membro da comunidade conta uma história, ele não apenas transmite um conhecimento, mas

também pode fortalecer o vínculo social entre os ouvintes. O ato de ouvir e compartilhar uma história cria um espaço comum onde valores coletivos são reafirmados.

Nas culturas orais, os enredos abordavam temas como a luta entre o bem e o mal, a superação de obstáculos e a recompensa pela virtude. E como argumenta Pereira e Santana (2023), "as histórias contadas eram uma forma de adaptação e resistência, um meio pelo qual as pessoas podiam lidar com as dificuldades da vida" (p.14). A oralidade permitia que as narrativas fossem recontadas e adaptadas, dando-lhes uma flexibilidade que refletia as mudanças sociais e culturais ao longo do tempo.

Por outro lado, as narrativas orais também têm uma função terapêutica e catártica. Segundo Zanlorenzi e da Silva (2021), contar e ouvir histórias pode permitir que as emoções sejam processadas, seja através da identificação com personagens, ou pela catarse gerada pelo enredo. Muitos contos orais abordam temas como perdas, desafios e superações, oferecendo aos ouvintes uma forma de lidar com seus próprios traumas e dificuldades. Isso é especialmente evidente nas narrativas das culturas indígenas e afro-brasileiras, nos quais os mitos e as histórias têm um papel curativo, ajudando os indivíduos a superar suas adversidades e a encontrar um sentido para a vida.

Entretanto, a invenção da escrita e a subsequente popularização da impressão no século XV marcaram uma mudança radical na preservação e transmissão das histórias. Com a impressão, as histórias passaram a ser fixadas por escrito, tornando-se mais acessíveis a um público amplo. Os irmãos Grimm, Jakob e Wilhelm, desempenharam um papel crucial nesse processo (Pereira; Santana, 2023).

Assim, com a escrita, os contos se tornaram objetos fixos de consumo, mas também afastou a espontaneidade e a fluidez da oralidade (Jean; Filho, 2020), o que resultou na padronização de suas narrativas. A publicação de livros como os de Charles Perrault, que também publicou suas versões de contos populares franceses, teve um impacto significativo.

Apesar disso, a transição para a escrita também abriu portas para a disseminação global dos contos de fadas. A partir do momento em que os contos foram registrados, tradutores e autores adaptaram e reinterpretaram essas histórias, moldando-as de acordo com suas próprias culturas e contextos sociais (Jean; Filho, 2020). Isso fez com que as histórias se espalhassem para além da Europa,

alcançando outras partes do mundo e influenciando outras tradições de contação de histórias.

Embora a forma escrita tenha tomado o lugar da oralidade, o espírito das narrativas orais nunca desapareceu completamente. Como observa Jean e Filho (2020), "os contos de fadas continuam a se adaptar e se transformar, uma vez que a oralidade ainda persiste nas reinterpretações que são feitas desses textos" (p.16). O formato oral das histórias, com sua flexibilidade e adaptabilidade, continua a inspirar autores contemporâneos, que frequentemente revisitam e reinterpretem os contos clássicos para explorar questões sociais e culturais atuais.

Além disso, a continuidade da oralidade no mundo contemporâneo pode ser observada em adaptações de contos de fadas para outros meios, como filmes e peças de teatro. A transição para a escrita não eliminou a oralidade, mas a integrou em novas formas de narrativa, assim os contos de fadas continuam a ser um reflexo da imaginação popular, seja na forma escrita ou na oralidade reconstituída (Jean; Filho, 2020).

Como citado anteriormente, os contos possuem uma longa e fascinante história que se iniciou séculos atrás. Tais histórias contam com relatos maravilhosos, repletos de personagens mágicos, criaturas fantásticas e enredos emocionantes, que têm suas origens em diversas culturas e tradições ao redor do mundo. E esses "contos maravilhosos possuem características peculiares, diferenciando-os quando nos referimos através do verbete contos para todo tipo de narrativa" (Cimetta; Leão, 2019, p. 201).

Dentro dessas características destaca-se a presença de um conflito inicial, seja na forma de uma perda significativa ou de um anseio intenso por algo ainda não conquistado, o que impulsiona o protagonista a abandonar seu mundo habitual. A partir desse momento, inicia-se uma jornada transformadora, na qual o herói encontra uma figura que o auxilia — frequentemente representada como um doador — e que lhe oferece um objeto encantado ou um aliado de natureza mágica, capaz de facilitar o cumprimento de sua missão (Cimetta; Leão, 2019). Nesse contexto, os contos de fadas se caracterizam por incorporar componentes inusitados e fantásticos, cuja função é provocar o assombro e o encantamento. Tal característica se justifica pela própria origem etimológica da palavra "maravilhoso", derivada do latim *mirabilia*, que remete àquilo que causa admiração ou espanto, ou seja, algo que escapa à normalidade e desperta o imaginário (Cimetta; Leão, 2019).

Os primeiros vestígios de contos de fadas, como citado anteriormente, podem ser encontrados em narrativas orais de povos antigos, como os orientais, os chineses e os indianos. Essas histórias foram transferidas de geração em geração, passando por adaptações e transformações ao longo do tempo (Schneider; Torossian, 2009). Muitos desses relatos primitivos tinham um caráter moralizante, ensinando lições importantes sobre virtude, coragem e sabedoria.

Segundo Caniato e Balduino (2019), os contos de fadas, enquanto narrativas, desempenharam um papel essencial na transmissão de valores e na consolidação de identidades culturais, funcionando como instrumentos de educação moral e social. Por meio da oralidade, essas histórias preservaram as tradições e orientaram as gerações mais jovens, abordando temas universais como a luta entre o bem e o mal e a superação de adversidades.

Durante a Idade Média e o Renascimento, os contos de fadas ganharam maior popularidade na Europa. Autores como Charles Perrault, na França, e os Irmãos Grimm, na Alemanha, coletaram e compilaram muitas dessas histórias tradicionais (Barbosa, 2017). Esses escritores adaptaram e transformaram os contos, adicionando elementos de suas próprias culturas e tradições.

Após o Renascimento, no século XV, os contos de fadas passaram por uma série de transformações significativas devido às mudanças culturais, sociais e tecnológicas da época, como; a invenção da imprensa, progresso nos estudos científicos, avanços nas navegações e a ascensão da burguesia. Esse período marcou o início de uma transição de narrativas orais para registros escritos, bem como alterações nos temas e nas funções dessas histórias.

Especialmente nos séculos seguintes, os contos de fadas começaram a ser registrados por escrito, o que possibilitou sua preservação e disseminação. Antes disso, essas histórias eram predominantemente transmitidas oralmente, mudando de acordo com o narrador e o contexto cultural. O desenvolvimento da imprensa por Gutenberg, facilitou a reprodução e a circulação desses contos em larga escala (Jean; Filho, 2020).

Muitos contos populares, que antes eram voltados para públicos diversos, começaram a ser adaptados para atender às sensibilidades e gostos das elites intelectuais e cortesãs. Por exemplo, no século XVII, escritores como Charles Perrault, na França, recolheram e reescreveram contos populares, adaptando-os aos padrões

da corte de Luís XIV. Esses contos ganharam versões mais refinadas e muitas vezes moralizantes (Jean; Filho, 2020).

No contexto da crescente valorização do humanismo durante o Renascimento, os contos de fadas passaram a ser reconhecidos não apenas como entretenimento, mas também como portadores de significados simbólicos e psicológicos (Valverde, 2003). Elementos fantásticos, como fadas, bruxas e heróis, começaram a ser interpretados como representações metafóricas de desafios humanos e dilemas morais.

Embora os contos de fadas fossem originalmente histórias para todas as idades, no período pós-Renascimento, começaram a ser associados, de forma crescente, ao universo infantil. Isso se intensificou nos séculos XVIII e XIX, quando a literatura infantil se consolidou como um gênero específico (Valverde, 2003). Histórias que antes tinham elementos sombrios e violentos foram editadas ou suavizadas para tornarem-se mais adequadas às crianças.

A transposição dos contos de fadas da tradição oral para a forma escrita exige uma análise sócio-histórica. Isso ocorre porque essas narrativas, embora tenham sido registradas por autores como os Irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen, não são criações individuais desses escritores, mas sim manifestações culturais coletivas, originárias das classes populares da Alemanha, França e Dinamarca (Guerreiro, 2013). Dessa forma, a compreensão dessas histórias exige um olhar atento para as sociedades agrárias em que foram concebidas, bem como para os processos de assimilação cultural que nelas se manifestam.

No momento em que os contos de fadas foram coletados e registrados, o contexto europeu era profundamente marcado por hierarquias sociais rígidas e por um sistema agrário predominantemente feudal ou semifeudal (Gomes; Silva, 2019). De acordo com Guerreiro (2013), na Alemanha, por exemplo, a ausência de unificação política no século XVIII e XIX resultava em um conjunto de reinos e principados, no qual a cultura oral das camadas populares refletia suas condições de vida e aspirações. No entanto, ao serem registrados por escritores pertencentes a camadas letradas ou ligadas às elites culturais, essas narrativas passaram por um processo de adaptação que incorporou elementos do imaginário dominante.

Esse fenômeno se torna evidente na presença de personagens como reis, rainhas, príncipes e princesas, que, embora inexistentes no cotidiano das sociedades rurais onde essas histórias eram contadas, aparecem com frequência nas versões

escritas (Gomes; Silva, 2019). A introdução e a manutenção dessas figuras ilustram um mecanismo de assimilação do discurso da classe dominante, em que elementos da cultura aristocrática são integrados ao imaginário popular, reforçando a naturalização das hierarquias sociais. Essa assimilação não ocorre apenas pela imposição direta das elites, mas também por meio de um processo simbólico no qual os valores dominantes são internalizados pelas camadas populares e ressignificados dentro de suas próprias narrativas (Gomes; Silva, 2019).

Vale destacar que, os contos de fadas, especialmente aqueles que foram sistematizados e popularizados na Europa entre os séculos XVII e XIX, como os registrados por Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, refletem os valores, as normas sociais e as expectativas morais das sociedades de sua época. Nesse contexto, o casamento era concebido como um destino ideal e inevitável para as mulheres, funcionando não apenas como desfecho das narrativas, mas como símbolo máximo de realização pessoal, social e moral.

A sociedade europeia moderna, profundamente patriarcal, impunha às mulheres um papel restrito ao âmbito doméstico e familiar. Como aponta Costa (2023) as protagonistas femininas dos contos de fadas eram geralmente jovens belas, dóceis e obedientes, cujas virtudes — como pureza, silêncio e submissão — eram recompensadas com o casamento a um príncipe, representando ascensão social, segurança econômica e validação moral. Nessa lógica, o casamento não era fruto do amor romântico moderno, mas uma instituição regulada por interesses familiares, econômicos e de honra.

Esses contos também reforçavam normas de gênero ao apresentar o homem como agente ativo da narrativa — o herói, o salvador, o detentor do poder — e a mulher como figura passiva que aguarda ser escolhida, salva ou reconhecida por sua beleza e bondade (Costa, 2023). O final feliz, marcado pela união matrimonial, consagrava o cumprimento do papel esperado para a mulher na estrutura social: ser esposa e, implicitamente, futura mãe.

É importante destacar que essas histórias não apenas reproduziam o ideal de casamento vigente, mas também funcionavam como instrumentos de socialização moral, ensinando às crianças, especialmente às meninas, quais comportamentos seriam recompensados ou punidos na vida adulta (Dias *et al.*, 2019). Dessa forma, os contos de fadas contribuíram para a naturalização de um modelo de feminilidade

subordinada e de um casamento hierárquico, em que a mulher se realizaria por meio da união com um homem socialmente superior.

Portanto, o padrão de casamento presente nos contos de fadas tradicionais reflete uma concepção histórica em que o matrimônio era menos uma escolha individual e mais um dever social, determinado por estruturas de gênero, classe e moralidade (Dias *et al.*, 2019). Compreender esse pano de fundo é essencial para analisar criticamente como tais narrativas moldaram, e em parte ainda moldam, imaginários coletivos sobre o papel da mulher na sociedade.

Ao analisarmos os contos de fadas, também se torna fundamental contextualizar a sociedade que os originou, compreendendo os mecanismos de transmissão cultural e os discursos que neles se perpetuam. A passagem da oralidade para a escrita não é apenas um processo de registro, mas também de transformação, no qual diferentes visões de mundo se cruzam e se influenciam mutuamente, revelando as complexas relações entre cultura popular e cultura erudita ao longo da história (Guerreiro, 2013).

No século XIX, os contos de fadas se tornaram cada vez mais populares, especialmente com a publicação de coletâneas como 'Contos de Fadas', de Hans Christian Andersen. Nessa época, esses contos começaram a ser vistos como literatura infantil, embora muitos deles ainda mantivessem temas e elementos sombrios. E ao longo do século XX, tais contos foram amplamente adaptados para diferentes mídias, como cinema, televisão e literatura (Merege, 2019).

Além desses contos mais reconhecidos pelo mundo, também existem histórias em diferentes culturas, que apesar das variações nas tramas, nos personagens e nos contextos, essas histórias frequentemente compartilham elementos estruturais e temáticos, evidenciando padrões universais de transmissão cultural e imaginário coletivo.

No Oriente Médio, uma das coleções mais famosas de contos fantásticos é 'As Mil e Uma Noites', um compêndio de histórias que inclui narrativas como 'Aladim e a Lâmpada Maravilhosa' e 'Ali Babá e os Quarenta Ladrões'. Diferentemente dos contos ocidentais, essas histórias enfatizam a astúcia e a inteligência dos personagens, muitas vezes utilizando a figura do narrador para introduzir elementos de metanarrativa (Mendonça, 2013).

Na China, contos tradicionais como 'A Serpente Branca' e 'A Guerreira Mulan' apresentam protagonistas femininas fortes e tramas que exploram conceitos como

lealdade, honra e destino. Os contos chineses frequentemente enfatizam a harmonia entre os seres humanos e a natureza, bem como a influência dos espíritos e das forças sobrenaturais no cotidiano (Both; Chaves, 2018).

Já os contos de fadas africanos são profundamente enraizados na tradição oral e refletem a diversidade cultural do continente. Em muitas sociedades africanas, essas histórias são utilizadas como forma de educação e preservação da identidade cultural. Um exemplo notável é a figura do coelho astuto, que aparece em diversas narrativas do folclore da África Ocidental (Knapp, 2007). Esses contos enfatizam valores como a esperteza e a cooperação, e muitas vezes apresentam finais abertos, permitindo múltiplas interpretações.

Os povos indígenas das Américas possuem uma vasta tradição de narrativas que se assemelham aos contos de fadas europeus, mas apresentam características próprias. Muitas dessas histórias envolvem figuras míticas, como o Curupira na tradição brasileira e Coyote nas lendas dos povos nativos da América do Norte (Knapp, 2007). Diferentemente dos contos de fadas clássicos, essas narrativas frequentemente explicam fenômenos naturais e reforçam valores comunitários.

A evolução dos contos de fadas é um reflexo direto das transformações históricas, sociais e culturais ao longo dos séculos e em pleno século XXI, estes contos continuam a encantar e inspirar pessoas de todas as idades, com suas histórias atemporais de heroísmo, amor, magia e superação. Esses relatos maravilhosos, permanecem como um legado cultural valioso, refletindo as aspirações, os medos e os sonhos da humanidade. Entretanto, algo que os contos carregam até os dias atuais são a sexualização dos personagens femininos.

A sexualização desses personagens é uma questão crescente na discussão sobre mídia e desenvolvimento infantil. Historicamente, muitos contos de fadas foram criticados por perpetuar modelos de gênero e reforçar papéis tradicionais para as mulheres como sendo lindas, charmosas, obedientes entre outros atributos. No entanto, a sexualização desses personagens tem se tornado uma preocupação mais acentuada na era moderna, com representações muitas vezes exageradas e inapropriadas em mídias contemporâneas.

De acordo com o texto “Percepção do grau de sexualização no design de personagens femininas em jogos contemporâneos” (Alves *et al.*, 2024) a sexualização de personagens femininas pode influenciar negativamente a autoimagem e o

desenvolvimento das crianças, promovendo ideais de beleza e comportamentos que priorizam a aparência sobre outros atributos dando ênfase às formas corporais.

Essa exposição pode afetar a percepção das crianças sobre o papel das mulheres na sociedade. Tradicionalmente, ela foi vista como cuidadora, responsável pelo lar, pela educação dos filhos, pelo bem-estar emocional da família e espera-se que a mulher esteja sempre bonita, jovem e magra, o que promove uma visão limitada e superficial desse gênero. Pode-se observar essa ideia no trecho a seguir.

A menina desde tenra idade passa a se vestir como uma mulher, imitando as posturas, expressões que não condizem com a idade que tem. As aparições com maquiagens, sutiã, sapato alto, vem sendo ocasionado pela influência de tal cultura lúdica, que sobrevaloriza a aparência e impõe padrões que as crianças imitam, pois ainda não são capazes de filtrar o que estão desejando consumir (Ferreira; Leão, 2014, p. 335).

Desde a infância, as meninas são expostas a uma cultura que valoriza excessivamente a aparência e estabelece padrões que influenciam diretamente sua forma de se vestir, agir e se perceber no mundo. Ainda muito novas, começam a imitar comportamentos adultos, adotando roupas, maquiagens e acessórios que não condizem com sua idade. Essa imitação precoce não é um processo natural, mas sim um reflexo do ambiente em que estão inseridas, onde a mídia, as redes sociais e até mesmo os brinquedos reforçam uma imagem idealizada da feminilidade.

Na estrutura da sociedade patriarcal, o preconceito contra a mulher se manifesta de maneira multifacetada, perpetuando desigualdades históricas que se materializam em diversos âmbitos da vida social (Silva, 2010).

Uma das expressões mais evidentes dessa desigualdade ocorre no campo econômico, por meio da disparidade salarial entre homens e mulheres. Mesmo quando ocupam funções equivalentes e possuem qualificações semelhantes, as mulheres continuam a receber remunerações inferiores, o que evidencia a persistência de um sistema que desvaloriza o trabalho feminino e limita sua autonomia financeira. Essa diferença salarial não é apenas um indicador econômico, mas também um reflexo simbólico da hierarquização de gênero, na qual o trabalho masculino é socialmente mais valorizado, enquanto o trabalho feminino é frequentemente invisibilizado, precarizado ou associado a atributos afetivos e não

técnicos (Silva, 2010). Assim, a desigualdade salarial representa uma das formas concretas de manutenção da dominação patriarcal nas estruturas contemporâneas.

Além da imposição de papéis sociais historicamente atribuídos às mulheres, a desigualdade de gênero exerce impactos profundos na construção da identidade feminina. Trata-se de uma das formas mais persistentes de injustiça social, manifestando-se por meio de disparidades em oportunidades, remuneração, direitos e tratamento entre homens e mulheres (Cimetta; Leão, 2019). Outrossim, seus efeitos estendem-se àqueles que não se enquadram nas normas tradicionais de gênero. É o que diz no trecho a seguir.

Ao longo dos tempos a sociedade vem se mostrando desigual em relação ao tratamento dado para homens e mulheres, e reflete até os dias atuais o resultado dessas atitudes no cotidiano, tornando esse contraste banal. Muitos mecanismos atuam para esse resultado final, preservando essa estrutura social (Cimetta; Leão, 2019, p.199).

E mesmo com avanços significativos, como a ampliação dos direitos das mulheres e o fortalecimento dos movimentos feministas, a desigualdade de gênero ainda se mantém presente, muitas vezes de forma sutil e naturalizada.

Ademais, os contos reforçam que a representação hipersexualizada não apenas influencia sobre hipersexualizada o público infantil, mas também contribui para a perpetuação da desigualdade de gênero, impactando as dinâmicas de poder entre os sexos (Alves *et al.*, 2024). A exposição constante a esses padrões estéticos pode levar à internalização de ideais irrealistas, culminando em problemas como baixa autoestima, ansiedade corporal e dificuldades em relações interpessoais. É necessário, portanto, repensar criticamente o design de personagens em produtos culturais voltados ao público infantojuvenil, promovendo representações mais diversas.

Vale ressaltar que, a obscuridade que recai sobre as terminologias vinculadas à sexualidade, bem como sobre o próprio conceito que a define, constitui um fenômeno histórico e sociocultural marcado por disputas discursivas e interesses hegemônicos. Termos como 'sexo', 'sexualidade', 'masturbação', entre outros, foram ao longo do tempo apropriados por diferentes campos do saber — especialmente pela medicina e pela religião —, sendo instrumentalizados para o controle dos corpos e das condutas sexuais, como demonstram diversas análises historiográficas e sociológicas (Augustini, 2015).

No âmbito da medicina, sobretudo a partir do século XIX, a sexualidade passou a ser enquadrada dentro de parâmetros biomédicos e normativos, frequentemente associada à patologia, ao desvio e à necessidade de correção. A medicalização da sexualidade contribuiu para a construção de uma matriz de normalidade centrada na heterossexualidade reprodutiva, relegando ao campo da anormalidade outras formas de expressão do desejo e do prazer (Augustini, 2015).

Segundo a autora, no campo religioso o discurso moralizante e dogmático reiterou por séculos a associação da sexualidade ao pecado, ao corpo como fonte de tentação e ao prazer sexual como algo a ser reprimido. Essas narrativas, em confluência, forjaram um imaginário coletivo profundamente marcado pelo conservadorismo e pela negação da sexualidade como dimensão legítima da existência humana.

Esse processo de apropriação conceitual resultou na produção de uma série de aforismos e verdades absolutizadas que se perpetuam socialmente, muitas vezes desprovidas de fundamento científico ou de embasamento ético. Alimentados por um moralismo estrutural e seletivo, tais discursos reforçam estigmas, silenciam experiências e dificultam a construção de uma educação sexual crítica, emancipatória e pautada no respeito à diversidade (Ussel, 1980).

Além disso, a imprecisão conceitual que permeia as terminologias relacionadas à sexualidade não é apenas reflexo da complexidade do tema, mas também uma estratégia simbólica de exclusão e invisibilização. A ausência de definições claras e consensuais dificulta o debate público qualificado, promove desinformação e fragiliza políticas públicas voltadas à promoção da saúde sexual e dos direitos humanos (Ussel, 1980). Em espaços educativos, por exemplo, esse silenciamento se manifesta na resistência em abordar a temática da sexualidade de forma transversal, integrada e cientificamente embasada, perpetuando mitos e preconceitos que afetam, sobretudo, crianças, adolescentes e populações historicamente marginalizados.

Portanto, a análise crítica das terminologias associadas à sexualidade requer o reconhecimento de que tais conceitos não são neutros, mas sim construções históricas carregadas de ideologia, poder e disputa simbólica. Retomar o debate sobre essas noções à luz de referenciais interdisciplinares — incluindo os estudos de gênero, a filosofia, a psicanálise, a sociologia e a pedagogia crítica — é fundamental para promover a ressignificação do tema e para consolidar uma abordagem que

reconheça a sexualidade como dimensão essencial, plural e emancipatória da condição humana (Augustini, 2015).

2.2 A SEXUALIZAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

A sexualização pode ser encontrada em diversos contextos, como na mídia, na publicidade, na moda e nas interações sociais, e é frequentemente criticada por suas consequências negativas. Estas incluem a perpetuação de padrões de gênero, a normalização da objetificação e o impacto prejudicial na autoestima, no desenvolvimento psicosssexual e nas relações interpessoais (Hamidi, 2022).

A sexualização pode ser compreendida como um processo de natureza sociocultural no qual a sexualidade é dissociada de seus elementos afetivos, éticos e relacionais, sendo reduzida a aspectos meramente corporais, estéticos ou voltados ao consumo. Tal processo se manifesta quando o valor de um indivíduo é atribuído unicamente à sua atratividade física ou ao seu comportamento sexual; quando ocorre a objetificação sexual, isto é, o tratamento da pessoa como objeto de prazer alheio; quando há imposição inapropriada da sexualidade, sobretudo em crianças; ou ainda quando a sexualidade é deslocada de seu contexto original, sendo utilizada de forma desproporcional (Louro, 2018).

Nesse sentido, a sexualização ultrapassa a mera expressão da sexualidade, configurando-se como uma distorção que perpassa múltiplos âmbitos sociais, como os meios de comunicação, a publicidade, as interações interpessoais e os espaços educativos. Sob a perspectiva dos estudos de gênero e sexualidade, Louro (2018) ressalta que a sexualização opera como um dispositivo de poder que regula condutas e corpos, estabelecendo normas sociais sobre o que é considerado aceitável ou desviante no que tange às práticas e expressões sexuais.

Nas personagens infantis a sexualização refere-se à prática de definir ou associar características, comportamentos ou traços de natureza sexual a personagens que são retratados como crianças ou adolescentes, seja em obras de ficção, animação, jogos ou outras mídias (Alves *et al.*, 2024). Essa prática pode incluir, por exemplo, a utilização de vestimentas suficientemente sugestivas, poses provocativas, atributos corporais exagerados ou a inserção de contextos ou narrativas que implicam uma maturidade sexual incompatível com a idade representada do personagem.

Essa sexualização de personagens infantis pode estimular padrões da sociedade arraigados, contribuir para a normalização da objetificação de crianças e potencialmente interferir em atitudes específicas em relação à infância. Além disso, ela está frequentemente relacionada à hipersexualização presente na mídia contemporânea, que, segundo Alves *et al.* (2024), pode impactar o desenvolvimento psicológico e social dos espectadores, sobretudo crianças.

Sob a perspectiva da neuropsicologia, a exposição precoce à hipersexualização pode interferir nos processos de desenvolvimento neural das crianças, especialmente em regiões relacionadas ao controle emocional e à construção da identidade. O córtex pré-frontal, responsável pelo planejamento, regulação de impulsos e julgamento crítico, está em pleno desenvolvimento durante a infância e adolescência (Brandão, 2005). A exposição constante a conteúdos sexualizados pode sobrecarregar essas estruturas cognitivas, dificultando a formação de uma autoimagem equilibrada e aumentando o risco de distúrbios emocionais, como ansiedade e depressão.

Ademais, a amígdala, região cerebral associada às respostas emocionais, pode tornar-se hiperativa frente a essas representações, contribuindo para reações exageradas ou desregulação emocional (Brandão, 2005). Essas alterações podem impactar diretamente a forma como a criança interpreta relações sociais, levando à internalização de padrões disfuncionais de gênero e interações interpessoais.

Do ponto de vista neuropsicológico, tal exposição precoce pode também interferir na consolidação da empatia, já que as representações objetificadas tendem a reduzir a capacidade de enxergar os outros como indivíduos complexos, favorecendo a desumanização (Brandão, 2005). Isso reforça a importância de intervenções educativas e culturais que promovam uma representação mais saudável e realista da infância, protegendo o desenvolvimento cerebral e emocional dos jovens.

E a sexualização nos contos de fadas tem uma longa história, refletindo e, muitas vezes, reforçando as normas de gênero de suas épocas. Desde suas origens, esses contos frequentemente apresentavam mulheres e meninas em papéis secundários, muitas vezes subordinados aos interesses masculinos e com características que enfatizavam a beleza e a passividade como suas principais qualidades. Ou seja, personagens que precisam de alguém para cuidar, auxiliar e socorrer.

Os contos de fadas tradicionais, como os coletados pelos Irmãos Grimm e por Charles Perrault, frequentemente retratavam personagens femininas como dependentes e destinadas a encontrar um príncipe para garantir os "felizes para sempre" (Brito *et al.*, 2023). Esses contos não apenas reforçavam papéis tradicionais de gênero, mas, muitas vezes, sexualizavam as personagens femininas ao destacá-las principalmente pela sua aparência ou valor como objeto de desejo. As protagonistas femininas, como Cinderela, Branca de Neve ou Bela Adormecida, são frequentemente caracterizadas por atributos como beleza, bondade e docilidade, virtudes consideradas essenciais para sua aceitação social e 'redenção'.

Nessas narrativas, o "felizes para sempre" está invariavelmente atrelado à união matrimonial com um príncipe, que assume o papel de salvador e provedor. A independência, agência ou complexidade das personagens femininas são raramente exploradas; em vez disso, elas são retratadas como passivas diante de seus destinos, aguardando a intervenção de uma figura masculina heroica.

Essas representações refletem os valores e expectativas sociais das épocas em que os contos foram registrados. Nos séculos XVII e XIX, períodos em que Perrault e os Irmãos Grimm publicaram suas coletâneas, a posição social das mulheres era amplamente restrita às esferas domésticas e subordinadas (Rodrigues, 2015). O casamento era visto como a principal aspiração feminina, assegurando estabilidade econômica e status social. Assim, os contos de fadas reforçavam esses ideais, perpetuando a ideia de que o valor da mulher estava vinculado à sua beleza e capacidade de atrair um "bom" marido.

A sexualização não se limita às histórias clássicas; ela persiste em adaptações modernas e mídias relacionadas, incluindo filmes e produtos voltados às crianças. A presença de personagens femininas com vestimentas exageradas e características padronizadas podem influenciar negativamente a autoimagem e o desenvolvimento das crianças, promovendo ideais de beleza que são frequentemente inatingíveis (Alves *et al.*, 2024).

Nos últimos anos, houve um movimento para reimaginar e reformular esses personagens. Novas narrativas e adaptações buscam apresentar mulheres como figuras fortes e independentes, com ênfase em suas habilidades, inteligência e caráter, ao invés de apenas sua aparência (Brito *et al.*, 2023). Essas mudanças são essenciais para promover uma representação mais saudável e inspiradora das

mulheres nas histórias infantis, refletindo uma visão mais igualitária e realista da sociedade moderna.

Portanto, a não sexualização dos contos de fadas é um tema essencial no ambiente educativo do século XXI, e os professores desempenham um papel fundamental ao promover uma abordagem cuidadosa e responsável na apresentação dessas histórias. Esses contos, que fazem parte do imaginário infantil há séculos, transmitem valores e modelos de comportamento que influenciam a formação das crianças. Os professores, ao utilizarem criticamente dos contos de fadas, ajudam a construir um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e respeitoso.

Os educadores têm a oportunidade de explorar as histórias de maneira crítica, incentivando os alunos a questionar representações padronizadas e a considerar a diversidade de papéis que os personagens podem assumir. Podem se utilizar de histórias que apresentam personagens femininas fortes, independentes e multifacetadas, em vez de narrativas centradas em papéis passivos ou idealizações de beleza física.

Para isso, é necessário explorar contos de culturas diversas, que muitas vezes possuem protagonistas femininas com habilidades e características que não se restringem à aparência; criar momentos de discussão com as crianças para analisar os papéis das personagens femininas nos contos, questionando padrões como a dependência de um príncipe ou a ênfase excessiva na beleza; utilizar materiais e livros ilustrados que mostram personagens femininas com corpos diversos, roupas práticas e representações condizentes com suas funções na história, evitando assim, a sexualização.

Conforme discute Godoy (2019), essa postura ajuda as crianças a se desenvolverem sem a pressão de expectativas de gênero restritivas, o que contribui para a construção de uma autoimagem positiva e autêntica.

2.3 OS PAPÉIS DE GÊNERO NOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas, enquanto manifestações culturais que atravessam gerações, desempenham um papel crucial na formação de valores sociais, comportamentais e de identidade, especialmente em relação à construção de papéis de gênero. Essas narrativas, predominantemente voltadas para o público infantil, servem não apenas como entretenimento, mas, também, como instrumentos de

socialização e educação, transmitindo normas culturais sobre o que é esperado de homens e mulheres nas sociedades em que são contados.

No entanto, é necessário avaliar a forma como os papéis de gênero são representados nos contos de fadas, pois muitas dessas histórias refletem modelos de gênero que podem influenciar a construção de identidade e o entendimento das crianças sobre igualdade, poder e relações sociais. A crítica de gênero aplicada aos contos de fadas não se limita à questão da representação feminina ou masculina em si, mas problematiza a estrutura discursiva que naturaliza relações desiguais de poder entre os sexos. Como aponta Duarte e Silva (2024), a manutenção desses discursos contribui para a formação de subjetividades moldadas por normas rígidas de comportamento, afetando a percepção das crianças sobre igualdade, autonomia e direitos.

De acordo com Santos e Soares (2018), os contos de fadas tradicionais podem desempenhar um papel importante na socialização de gênero, pois apresentam às crianças modelos normativos sobre o que significa 'ser homem' ou 'ser mulher'. Essas histórias frequentemente naturalizam a passividade feminina e a submissão como virtudes essenciais, associam poder e independência ao masculino, enquanto demonizam ou marginalizam mulheres que buscam autonomia e reforçam dicotomias de gênero, apresentando papéis fixos e rígidos para homens e mulheres.

Nos contos de fadas tradicionais, muitas vezes observam-se padrões de representação que perpetuam papéis de gênero altamente dicotômicos e rígidos. As personagens femininas, muitas vezes, são representadas como frágeis, passivas e subordinadas, enquanto os personagens masculinos assumem papéis de força, coragem e protagonismo (Soares; Carvalho, 2015). A figura da princesa, um modelo recorrente, é normalmente retratada como bela, delicada e em necessidade de resgate, seja por um príncipe encantado ou por outra figura masculina poderosa. Por outro lado, os personagens masculinos, como heróis ou príncipes, são descritos como agentes ativos de mudança, sendo geralmente responsáveis pela resolução de problemas e pela segurança da integridade das personagens femininas.

As protagonistas femininas em contos tradicionais, como os registrados pelos Irmãos Grimm e por Charles Perrault, são frequentemente caracterizadas por atributos como beleza, docilidade, bondade e submissão. Essas qualidades são retratadas como essenciais para que a mulher alcance seu 'felizes para sempre', quase sempre simbolizado pelo casamento com um príncipe (Rodrigues, 2015).

As mulheres nesses contos geralmente desempenham papéis passivos, sendo objetos de ação em vez de agentes de suas próprias histórias. Elas frequentemente aguardam resgates heroicos ou intervenções externas, como o beijo de um príncipe ou a ajuda mágica de fadas madrinhas. Exemplos como Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida reforçam a ideia de que a virtude feminina está associada à paciência e à capacidade de suportar adversidades, enquanto a realização pessoal é obtida por meio da aprovação ou escolha masculina.

Além disso, as mulheres que rompem com esses padrões de virtude – como bruxas, madrastas ou vilãs – são frequentemente retratadas de forma negativa, reforçando o dualismo entre a ‘boa’ mulher submissa e a ‘má’ mulher independente.

Os personagens masculinos, por sua vez, geralmente ocupam posições de poder, liderança e protagonismo ativo. O príncipe ou herói é frequentemente descrito como corajoso, forte e racional, sendo o responsável por solucionar conflitos e ‘salvar’ a protagonista feminina. Essa construção reforça a ideia de que o papel do homem é agir, proteger e tomar decisões, posicionando-o como figura dominante na narrativa (Rodrigues, 2015).

Mesmo em histórias em que os protagonistas masculinos enfrentam desafios ou provações, suas ações são frequentemente glorificadas, enquanto as ações das mulheres, quando presentes, são subordinadas às necessidades e objetivos masculinos. De acordo com Caniato e Balduino (2019), a ausência de vulnerabilidade masculina nesses contos também está relacionada ao papel simbólico que os homens ocupam nessas narrativas.

Como representantes de força e resolução, os protagonistas masculinos muitas vezes enfrentam desafios externos, como monstros, vilões ou forças sobrenaturais, enquanto os conflitos internos ou emocionais são minimizados ou ignorados. Apesar de sua importância para a resolução da trama, pouco ou nada é explorado sobre suas motivações, medos ou fragilidades, perpetuando a ideia de que o herói masculino é invulnerável e emocionalmente inabalável.

Essa representação unidimensional dos homens nos contos de fadas não é apenas limitadora, mas também problemática. Ao negligenciar a vulnerabilidade masculina, essas histórias contribuem para a perpetuação de uma visão restritiva da masculinidade, que desestimula os homens a expressarem emoções ou a reconhecerem suas fragilidades. Em contrapartida, reforça-se a ideia de que o valor masculino está intrinsecamente ligado à capacidade de superar dificuldades sem

demonstração de fraqueza. Esse padrão, internalizado desde a infância, pode ter consequências psicológicas significativas, como dificuldades em lidar com emoções, estigmatização da busca por ajuda e reforço de comportamentos de risco (Caniato; Balduino, 2019).

Além disso, a ausência de vulnerabilidade masculina nos contos de fadas também impacta a maneira como as relações de gênero são construídas nessas narrativas. A dicotomia entre homens fortes e mulheres vulneráveis reforça desigualdades, ao sugerir que o equilíbrio nas relações depende da força masculina e da fragilidade feminina. Em 'A Bela e a Fera' por exemplo, enquanto a Fera experimenta uma transformação emocional ao longo da história, seu sofrimento é enquadrado como uma condição necessária para que ele possa provar seu valor (Martins, 2016), enquanto Bela, embora corajosa e determinada, é frequentemente retratada como a única capaz de 'salvá-lo' por meio de sua bondade e amor incondicional.

Esse modelo de gênero, hierárquico, construiu uma narrativa em que os homens são os sujeitos da ação e as mulheres, por sua vez, são os objetos da narrativa, refletindo as normas de sociedade patriarcal que historicamente delimitam os papéis sociais de cada sexo. Segundo Soares e Carvalho (2015), a ausência de personagens femininas com autonomia, inteligência e capacidade de ação independente contribui para a perpetuação desses padrões.

Bastos e Nogueira (2016) apontam que os papéis de gênero representados em textos culturais, como os contos de fadas, têm um impacto profundo na formação de identidade de gênero e no comportamento das crianças. Ao internalizar esses padrões, desde a infância, as crianças podem adotar abordagens limitantes sobre o que se espera delas, com as meninas sendo incentivadas a se comportarem de maneira submissa e passiva, enquanto os meninos são socializados para expressar poder e domínio. Essa internalização precoce pode contribuir para a perpetuação das desigualdades de gênero ao longo da vida, dificultando o desenvolvimento de uma identidade de gênero mais flexível e equitativa.

Ademais, a representação de personagens femininas como dependentes de resgates pode fortalecer a ideia de que as mulheres precisam de um homem para alcançar a realização pessoal, enquanto os homens são ensinados a ver seu valor e identidade por meio de sua capacidade de salvar ou proteger as mulheres. Esse ciclo de socialização pode limitar as perspectivas sobre relacionamentos e autoestima,

tanto para meninas quanto para meninos, ao apresentar padrões de gênero que não refletem a complexidade e a diversidade das experiências humanas (Schuch; Saraiva, 2017).

Nos últimos anos diversas adaptações e reinterpretações dos contos de fadas tradicionais têm buscado subverter ou questionar esses papéis de gênero rígidos, propondo novas narrativas que desafiam os padrões da sociedade. De acordo com Merege (2019), os contos modernos, filmes e livros reconfiguram personagens femininas como figuras mais complexas e ativas, com maior autonomia e protagonismo.

Exemplos dos estúdios Pixar, como o filme *Moana e Tiana*, da Disney, trazem princesas que não dependem de um príncipe para resolver seus próprios dilemas, subvertendo as representações tradicionais de passividade e dependência feminina. Essas personagens

[...] são descritas como inteligentes, corajosas, destemidas, valentes, sujeitos habilidosos, de deveres e de direitos, tornando-se exemplo para outras meninas e meninos e especialmente para as garotas negras que até então não se viam representadas dessa forma na sociedade (Santos; Scaringi; Leão, 2023, p. 268).

A representação de personagens femininas que desafiam os papéis tradicionais de gênero, como *Tiana* e *Moana*, nas produções da Disney, constitui um importante avanço na forma como a cultura midiática apresenta modelos de feminilidade. No entanto, a adoção de comportamentos historicamente atribuídos ao masculino como autonomia, liderança, ambição profissional e independência afetiva, ainda acarreta custos sociais significativos para as mulheres, conforme apontam diversos estudos de gênero (Merege, 2019).

De acordo com Scott, Louro e Silva (1995), os papéis de gênero são construções sociais que organizam expectativas, comportamentos e formas de poder. Quando mulheres se afastam desses papéis, especialmente os que as vinculam à domesticidade, à passividade e à subordinação, elas passam a ocupar posições que historicamente foram negadas a elas, gerando reações de resistência social. Essa resistência se manifesta tanto em críticas abertas quanto em sutis mecanismos de punição simbólica, como a exclusão, o julgamento moral e o isolamento afetivo.

A personagem *Tiana*, por exemplo, assume o papel de empreendedora, determinada a conquistar seu próprio restaurante por meio do trabalho árduo, sem

depender de um casamento ou de um príncipe para alcançar realização pessoal. Já Moana rejeita o papel de herdeira submissa ao destino de governar apenas dentro dos limites da tradição. Ela escolhe a liderança baseada na coragem, enfrentamento do desconhecido e resolução de conflitos, o que a coloca em uma posição de agência pouco comum nas narrativas tradicionais de princesas (Santos; Scaringi; Leão, 2023).

Segundo Butler (2018), mulheres que rompem com o “feminino idealizado”, caracterizado pela docilidade, emocionalidade e submissão, frequentemente enfrentam sanções sociais que vão desde o questionamento de sua feminilidade até a negação de sua legitimidade como líderes. No plano narrativo, isso se traduz na ausência de um par romântico (no caso de Moana) ou na tensão entre carreira e amor (no caso de Tiana), indicando que a mulher que assume o papel historicamente masculino precisa renunciar a aspectos tradicionalmente valorizados na representação feminina, como o casamento, a maternidade ou o romance idealizado.

Além disso, Butler (2018) mostra que mulheres em posições de poder ou que exibem características associadas à liderança, como firmeza, objetividade e ambição, muitas vezes são percebidas de forma negativa, enquanto os mesmos traços são valorizados em homens. Isso evidencia a existência de um duplo padrão moral e comportamental que penaliza mulheres por transgredirem expectativas normativas.

Portanto, embora personagens como Tiana e Moana representem um avanço na ruptura com estereótipos femininos tradicionais, elas também revelam, direta ou simbolicamente, os custos sociais que acompanham essa escolha. A ausência de um enredo centrado no amor romântico, a necessidade de provar constantemente sua competência ou a solidão da liderança são elementos que refletem os desafios reais enfrentados por mulheres que ousam ocupar espaços historicamente negados a elas.

Muitas dessas reinterpretações buscam desconstruir a ideia de que existem características e comportamentos ‘naturais’ para homens e mulheres. Ao dar às personagens femininas e masculinas atributos mais diversos e menos padronizados, essas novas versões proporcionam uma visão mais inclusiva e equitativa das relações de gênero, oferecendo às crianças modelos de identidade mais flexíveis e amplos (Merege, 2019). Essa abordagem reflete uma tentativa de ajustar os contos de fadas ao contexto sociocultural contemporâneo, no qual questões de igualdade de gênero e empoderamento feminino estão cada vez mais presentes.

A popularização das plataformas digitais e das mídias sociais também tem permitido uma maior diversidade de representações de gênero nos contos de fadas.

O *YouTube*, por exemplo, tornou-se um espaço onde criadores de conteúdo podem oferecer reinterpretações e adaptações de contos de fadas clássicos, muitas vezes com ênfase na diversidade, inclusão e equidade de gênero. Essas versões digitais frequentemente apresentam personagens que desafiam os papéis tradicionais de gênero, dando espaço para mais protagonismo feminino e representações mais diversas de masculinidade, contribuindo para a construção de narrativas mais inclusivas e representativas da sociedade contemporânea (Seabra; Rossetti, 2016).

E como destaca Seabra e Rossetti (2016), embora as representações mais modernas e inclusivas possam oferecer uma visão mais ampla de gênero, também é crucial que tais adaptações sejam feitas de maneira consciente, sem recorrer à simplificação excessiva ou ao reforço de novos padrões da sociedade. As mudanças devem buscar a construção de uma narrativa que, ao invés de substituir um modelo por outro, permita que os personagens sejam multifacetados, refletindo a diversidade das experiências humanas sem impor uma visão rígida sobre os papéis de gênero.

Outrossim, os contos de fadas se tornaram instrumentos educacionais para desafiar preconceitos e estimular a aceitação da diversidade. Assim, essas histórias, longe de serem apenas entretenimento, atuam como espelhos e agentes de transformação cultural, convidando a sociedade a refletir sobre como suas normas e valores podem ser reconstruídos para um futuro mais equitativo e inclusivo.

De fato, no contexto contemporâneo marcado pela digitalização das práticas culturais, o acesso à *internet* tornou-se um fator central na mediação das experiências infantis, incluindo o contato com narrativas como os contos de fadas. No entanto, apesar da aparente democratização do conteúdo digital, persistem profundas desigualdades no acesso a dispositivos tecnológicos, o que revela a existência de frações de classe no uso da *internet*, especialmente no que se refere ao consumo cultural de crianças em diferentes contextos socioeconômicos.

De acordo com Pierre Bourdieu (1989), as classes sociais não são homogêneas, mas compostas por frações com diferentes graus de capital econômico, cultural e social. Essas frações determinam o tipo e a qualidade das experiências culturais acessadas, inclusive no espaço virtual.

No Brasil, segundo a notícia do jornal núcleo, intitulada “Quase metade das crianças de até 2 anos tem acesso à internet no Brasil” (Schurig, 2025), relata que embora a maioria das crianças tenha algum tipo de acesso à *internet*, esse acesso é significativamente condicionado por fatores como renda, escolaridade dos pais, região

geográfica e disponibilidade de infraestrutura. Crianças de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica muitas vezes acessam a *internet* por meio de celulares pré-pagos, com dados limitados, e sem supervisão ou orientação pedagógica, o que restringe seu contato com conteúdos educativos de qualidade, incluindo versões digitalizadas e animadas de contos de fadas.

Essa disparidade evidencia a importância da consciência de classe no debate sobre cultura digital e educação. Segundo Karl Marx, a consciência de classe emerge quando os indivíduos passam a compreender sua posição nas relações de produção e as desigualdades estruturais que moldam suas possibilidades de vida (Boyle, 2006). No caso da infância, essa consciência é mediada pelos adultos e pelas instituições, especialmente a escola e a família, que têm o papel de garantir acesso equitativo ao conhecimento, inclusive ao capital cultural simbólico representado por narrativas como os contos de fadas (Boyle, 2006).

A *internet*, portanto, embora amplamente difundida, não pode ser considerada um espaço neutro ou universal. A forma como o conteúdo é acessado, compreendido e apropriado pelas crianças está profundamente marcada pelas desigualdades de classe, o que leva a uma segmentação do consumo cultural no ambiente digital. Segundo Boyle (2006), enquanto algumas crianças têm acesso a versões multimidiáticas sofisticadas, com mediação crítica e reflexiva, outras têm contato restrito, fragmentado ou mesmo inexistente com essas narrativas, o que aprofunda a reprodução das desigualdades sociais desde a infância.

Assim, ao se propor a análise de contos de fadas no *YouTube* como objeto de estudo, é fundamental reconhecer que essa experiência não é compartilhada de forma igualitária entre todas as crianças. A compreensão das frações de classe e da consciência social é, portanto, indispensável para evitar generalizações e para promover debates sobre o papel da educação e das políticas públicas na ampliação do acesso à cultura digital como direito fundamental.

3 OS CONTOS DE FADAS E O SÉCULO XXI

3.1 A EXPANSÃO DO USO DE TECNOLOGIAS NO COTIDIANO ESCOLAR

A expansão do uso de tecnologias no contexto educacional representa uma transformação significativa nas práticas pedagógicas e na gestão de ensino-aprendizagem. As tecnologias digitais ao serem integradas aos métodos de ensino oferecem novas formas de comunicação, possibilidades de personalização e maior acessibilidade a conteúdos educativos. Este aumento é impulsionado, principalmente, pela crescente digitalização das sociedades e pela adaptação das instituições de ensino aos novos perfis e necessidades de aprendizagem de alunos inseridos em um contexto amplamente digitalizado (Folque, 2011).

Segundo Folque (2011), o uso de plataformas digitais permite uma aprendizagem mais interativa e personalizada, promovendo um engajamento maior entre os estudantes. Esse método de aprendizagem tem o potencial de ajustar automaticamente o conteúdo e o ritmo de ensino, adaptando-se às necessidades e estilos individuais de aprendizagem, o que se alinha com o conceito de aprendizagem personalizada.

A personalização do processo educativo permite que os estudantes aprendam no seu próprio ritmo e de acordo com suas preferências cognitivas. Ferramentas educacionais adaptativas, como softwares de aprendizado baseado em inteligência artificial, ajustam o conteúdo às necessidades individuais de cada aluno, promovendo uma experiência mais eficaz e direcionada (Bittencourt; Albino, 2017). Esse tipo de abordagem não apenas facilita a compreensão dos conteúdos, mas também contribui para a redução de lacunas de aprendizagem.

A utilização de tecnologias também pode estar associada a um aumento significativo no engajamento e na motivação dos estudantes. Recursos interativos, como jogos educacionais, simulações digitais e vídeos didáticos, tornam o aprendizado mais dinâmico e envolvente (Bittencourt; Albino, 2017). A interatividade proporcionada por essas ferramentas ajuda a criar um estímulo nos alunos, e podendo transformar o processo educativo em uma experiência mais atrativa e significativa. Além disso, o uso de tecnologias favorece a colaboração entre os pares, promovendo um ambiente de aprendizagem mais participativo.

Além disso, a expansão das tecnologias na educação facilita o acesso ao conhecimento, conforme destacado por Oliveira e Marinho (2020). Ferramentas como ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), plataformas de conteúdo digital e recursos multimídia são instrumentos que facilitam o acesso a uma gama diversificada de conteúdos e recursos educacionais, muitas vezes em tempo real e de qualquer localização geográfica. Essa acessibilidade é particularmente útil em contextos de ensino à distância e em situações emergenciais, como a pandemia de COVID-19, que proporcionam adaptações rápidas e massivas ao ensino remoto.

O contexto contemporâneo demanda o desenvolvimento de competências essenciais, como pensamento crítico, resolução de problemas, criatividade e trabalho em equipe. As tecnologias educacionais oferecem ferramentas que potencializam essas habilidades, como softwares de design, plataformas de discussão e aplicações colaborativas (Bittencourt; Albino, 2017). O uso dessas ferramentas não apenas pode preparar os estudantes para os desafios do mercado de trabalho, mas também ajuda a capacitá-los para atuar em uma sociedade altamente conectada e tecnologicamente dependente.

Apesar das vantagens proporcionadas, o aumento do uso de tecnologias na educação revela alguns desafios críticos que precisam ser considerados. Um dos principais obstáculos é a desigualdade no acesso a esses recursos, que resulta na chamada 'divisão digital'. Alunos de regiões mais distantes ou com menos recursos econômicos têm menos acesso a dispositivos e à *internet*, limitando suas oportunidades de aprendizagem digital, aprofundando as desigualdades pré-existentes no sistema educacional (Silvério *et al.*, 2022).

À vista disso, nem todas as crianças possuem acesso a dispositivos eletrônicos e à conectividade necessária para usufruir dos benefícios da era digital. Essa desigualdade, reflete não apenas disparidades econômicas, mas também sociais, geográficas e estruturais que limitam o desenvolvimento pleno de muitas crianças ao redor do mundo.

Um dos principais fatores que impedem o acesso universal à tecnologia é a condição socioeconômica das famílias. Em países em desenvolvimento e até mesmo em nações mais desenvolvidas, muitas famílias não têm recursos para adquirir computadores, *tablets* ou *smartphones* para seus filhos. Além disso, o custo da conexão à *internet* continua sendo uma barreira significativa, especialmente em áreas

rurais ou periféricas, visto que os serviços de banda larga são escassos ou excessivamente caros (Silvério *et al.*, 2022).

A desigualdade digital também se manifesta na falta de infraestrutura tecnológica em escolas e espaços públicos. Enquanto algumas instituições de ensino são bem equipadas com laboratórios de informática e redes de *internet* de alta velocidade, outras operam com recursos extremamente limitados, impedindo que seus alunos desenvolvam habilidades digitais essenciais para o futuro (Silva *et al.*, 2024).

A disparidade digital também é evidente entre regiões urbanas e rurais. Em muitas áreas rurais, a infraestrutura de telecomunicações é precária, tornando a conectividade instável ou inexistente (Silvério *et al.*, 2022). Dessa forma, crianças que vivem em regiões afastadas de grandes centros urbanos enfrentam desafios adicionais para acessar materiais educacionais *online* e outros recursos digitais essenciais para o aprendizado.

Mesmo dentro das cidades, existem desigualdades tecnológicas em comunidades marginalizadas. A oferta de *internet* pública e gratuita ainda é limitada, e muitas famílias dependem de conexões instáveis, como redes móveis pré-pagas, que não são adequadas para atividades educacionais extensivas (Silva *et al.*, 2024).

Diante desse cenário, torna-se essencial a implementação de políticas públicas voltadas para a inclusão digital. Medidas como a distribuição de dispositivos eletrônicos para estudantes, a criação de pontos de acesso gratuito à *internet* e o investimento na formação de professores para o ensino digital são fundamentais para reduzir a desigualdade no acesso à tecnologia.

Além disso, é necessário que a inclusão digital seja vista como um direito fundamental das crianças, garantindo que todas tenham a oportunidade de desenvolver as habilidades necessárias para participar plenamente da sociedade digital. Projetos comunitários, parcerias com empresas de tecnologia e o fortalecimento de bibliotecas e centros culturais como espaços de acesso digital são estratégias viáveis para democratizar a tecnologia.

Os desafios para a implementação de tecnologias na educação são ainda mais amplos e incluem a resistência à inovação e a necessidade de investimento contínuo em formação e infraestrutura. No entanto, os professores podem utilizar tecnologias para criar ambientes de aprendizagem mais dinâmicos, interativos e alinhados às necessidades dos estudantes do século XXI (Pereira, 2022)

A atuação do professor, nesse contexto, transcende a transmissão de conteúdo e envolve a mediação de experiências que favorecem a autonomia, o pensamento crítico e a colaboração entre os estudantes. A integração das tecnologias permite também que os professores atuem como facilitadores, incentivando o uso de recursos digitais para a resolução de problemas reais e contextualizados.

Outro desafio notável é o impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. O uso prolongado de dispositivos eletrônicos pode impactar níveis de concentração e de interações interpessoais, limitando a capacidade dos alunos de desenvolverem habilidades socioemocionais fundamentais. O ambiente digital, muitas vezes, pode gerar distrações e dificultar a formação de conexões interpessoais profundas, que são essenciais para o desenvolvimento integral do aluno (Silvério *et al.*, 2022).

A relação entre mídia e educação escolar é atravessada por disputas políticas, ideológicas e institucionais, pois a mídia não apenas informa, mas também pode influenciar a percepção da realidade. O controle sobre os conteúdos midiáticos utilizados na educação formal envolve múltiplos agentes, como o Estado, as grandes corporações midiáticas e as diretrizes educacionais estabelecidas por órgãos governamentais (Setton, 2015).

Com essa ascensão da *internet* e das plataformas digitais, novas dinâmicas de dominação midiática emergiram. Empresas de tecnologia, como *Google*, *Facebook*, *YouTube* e *Amazon*, passaram a exercer um papel central na distribuição da informação, controlando algoritmos que determinam quais conteúdos são mais visíveis para os usuários (Setton, 2015). Essas plataformas moldam o comportamento informacional, favorecendo discursos hegemônicos e limitando a circulação de narrativas alternativas. Os algoritmos das redes sociais também desempenham um papel crucial na amplificação de determinadas perspectivas, muitas vezes priorizando conteúdos sensacionalistas ou polarizadores, que garantem maior engajamento. Esse fenômeno pode gerar bolhas informacionais, dificultando o acesso a pontos de vista diversos e promovendo a radicalização de discursos (Setton, 2015).

Outrossim, os conteúdos midiáticos inseridos no ambiente escolar – seja por meio de materiais didáticos, plataformas digitais ou redes sociais – passam, em teoria, por processos de regulamentação e fiscalização conduzidos por órgãos educacionais, como os Ministérios da Educação e as Secretarias de Ensino (Abreu, 2018). No entanto, mesmo com a existência de diretrizes curriculares, há a presença de um

currículo oculto, ou seja, aprendizagens implícitas que os estudantes absorvem não apenas dos conteúdos formais, mas também dos valores e discursos transmitidos pela mídia. Assim, a escola precisa desenvolver estratégias críticas para interpretar e questionar as mensagens midiáticas, evitando a reprodução acrítica de ideologias dominantes (Abreu, 2018).

Quando se trata da inserção dos estudos sobre sexualidade e gênero no cotidiano escolar, é essencial que essa abordagem seja realizada de maneira transdisciplinar e interdisciplinar. A transdisciplinaridade permite que essas temáticas ultrapassem os limites disciplinares e sejam trabalhadas de maneira integrada à vivência escolar, promovendo reflexões que envolvem aspectos culturais, históricos e sociais. Já a interdisciplinaridade possibilita que diferentes áreas do conhecimento – como Ciências Humanas, Linguagens e Ciências Naturais – dialoguem na construção de uma abordagem educativa que desnaturalize preconceitos e promova a equidade de gênero (Barreiro; Martins, 2016).

Ademais, a expansão das tecnologias na educação apresenta uma trajetória promissora, marcada pelo avanço das pesquisas em metodologias digitais e pela criação de novos recursos tecnológicos voltados ao ensino. O conceito da aprendizagem que combina o ensino presencial com o uso de tecnologias digitais, representa uma abordagem que tende a se consolidar nos próximos anos, promovendo uma experiência educacional mais completa e flexível. Oliveira e Marinho (2020) destacam que a integração equilibrada das tecnologias pode transformar o ambiente educacional em um espaço que valoriza não apenas o aprendizado de conteúdos, mas, também, o desenvolvimento de habilidades críticas e sociais.

E a tecnologia associada as mídias digitais, ao abordar questões sexuais, exerce influência nas escolhas e atitudes dos indivíduos, visto que seus conteúdos sobre sexualidade têm ganhado destaque nas últimas décadas. É o que podemos observar no trecho a seguir.

Neste celeiro, a mídia também se coloca a serviço da informação e do entretenimento acerca de questões sexuais. Ao endossar tal afirmação, averiguase que os veículos midiáticos que contemplam a sexualidade, e seus conteúdos, têm conquistado amplo espaço nas últimas décadas, o que contribui de certa forma para que escolhas e atitudes dos indivíduos no que se refere ao sexo sejam influenciadas por tais artefatos da comunicação. (Leão; Reis; Muzzeti, 2014, p. 641).

A crescente abertura da mídia para abordar a sexualidade reflete mudanças sociais importantes, como a luta por direitos sexuais, o avanço do feminismo e a quebra de tabus que, por muito tempo, limitaram a discussão sobre esse tema. Hoje, programas de televisão, filmes e influenciadores digitais abordam questões como educação sexual, diversidade de orientações e identidades de gênero, saúde reprodutiva e relacionamentos. Esse fenômeno tem um impacto positivo ao permitir que as pessoas tenham mais acesso à informação, favorecendo decisões conscientes e a redução de preconceitos.

[...] há “pedagogia da sexualidade” em diferentes espaços sociais, como no cinema, na medida que saberes e valores são difundidos e ensinados para as/os telespectadoras/es. Sendo assim, ao enfatizar a “pedagogia da sexualidade” nos filmes, na perspectiva da emancipação humana, abrem-se caminhos para o enfrentamento da violência sexual (Scaringi; Leão; 2023, p.135).

Quando o cinema aborda a sexualidade de maneira crítica e educativa, ele se torna uma ferramenta poderosa para o enfrentamento da violência sexual, por exemplo, para o empoderamento feminino, para erradicar a desigualdade de gênero, entre outros assuntos prementes. Ao problematizar temas como consentimento, abuso, assédio, exploração, relações de poder, direitos das mulheres, entre outros correlatos, tem o potencial de contribuir para que, o público desenvolva uma consciência mais apurada sobre essas questões. Narrativas que expõem a realidade das vítimas, desconstróem mitos sobre a violência sexual e mostram a importância do respeito às escolhas individuais ajudam a transformar a percepção da sociedade e a combater práticas nocivas naturalizadas ao longo do tempo.

E para que o uso das tecnologias educacionais atinja seu potencial máximo é necessário que sua aplicação seja realizada de forma planejada, com o intuito de contemplar as especificidades de cada contexto educacional, é essencial investir em infraestrutura adequada e no desenvolvimento de políticas públicas inclusivas. Dessa forma, a integração das tecnologias na educação pode consolidar-se como um elemento transformador, capaz de promover uma educação mais eficiente, acessível e alinhada às demandas da sociedade contemporânea.

Isso inclui a formação continuada de professores, que precisa desenvolver competências digitais para utilizar essas ferramentas de maneira eficaz, e o desenvolvimento de currículos que integrem o uso de tecnologias de forma alinhada

aos objetivos pedagógicos. Dessa maneira, a implementação de tecnologias no contexto educacional exige uma reconfiguração das práticas pedagógicas e, conseqüentemente, uma nova postura dos professores. A utilização de tecnologias educacionais visa não apenas aprimorar a educação, mas também desenvolver competências digitais nos estudantes e promover uma aprendizagem mais significativa.

Os professores desempenham um papel fundamental na implementação das tecnologias na educação, atuando como mediadores entre as ferramentas digitais e o processo de aprendizagem dos estudantes. A incorporação das tecnologias exige que os educadores desenvolvam competências digitais e pedagógicas adequadas para a integração efetiva desses recursos (Silva, 2011).

A capacitação docente torna-se, portanto, uma condição indispensável para que os professores possam explorar o potencial das tecnologias de maneira criativa e significativa. Isso envolve a participação em formações continuadas, o desenvolvimento de habilidades técnicas e a reflexão sobre novas abordagens pedagógicas (Silva, 2011).

3.2 O AUMENTO DO USO DA *INTERNET* ENTRE OS INFANTES

Com o advento da tecnologia e sua crescente inserção na sociedade contemporânea, o uso da *internet* tem se tornado parte fundamental do cotidiano de diferentes faixas etárias. Em especial, crianças e adolescentes têm experimentado uma exposição cada vez mais intensa ao ambiente digital, influenciada por diversos fatores sociais e econômicos. Nesse contexto, a expansão desse uso, apesar de oferecer inúmeras possibilidades de aprendizado e entretenimento, também apresenta riscos e desafios que precisam ser analisados com cautela.

De acordo com o texto “O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências auto infligidas”, escrito por Deslandes e Coutinho (2020), o uso da *internet* entre crianças e adolescentes tem crescido de maneira acelerada nas últimas décadas, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, pela maior acessibilidade a dispositivos móveis e pelo surgimento de conteúdos específicos para o público infantil. Sendo assim, a popularização dos dispositivos móveis e a expansão do acesso à *internet*

possibilitaram que o ambiente digital fosse rapidamente integrado ao cotidiano das crianças.

O crescimento do acesso à *internet* entre crianças de 10 a 13 anos no Brasil reflete uma tendência global de digitalização e maior inserção da tecnologia no cotidiano infantil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, 84,2% das crianças nessa faixa etária utilizaram a *internet*, evidenciando uma evolução significativa em comparação com os anos anteriores. Em 2019, esse percentual era de 77,5%, e em 2022, chegou a 84,9% (Nery, 2024).

O aumento do uso da *internet* entre crianças pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo a ampliação do acesso a dispositivos móveis, a popularização das redes de comunicação, a limitação do acesso à educação e o aumento do consumo de entretenimento digital. O celular continua sendo o principal meio de conexão, permitindo que as crianças acessem redes sociais, jogos, vídeos e plataformas educacionais (Nery, 2024).

De acordo com a pesquisa de Tilly (2006), em países de alta renda o acesso à *internet* para crianças entre cinco e doze anos já ultrapassa os 90%, já nas nações emergentes, embora as taxas de uso variem conforme o contexto socioeconômico, observa-se também uma rápida adesão ao ambiente *online*, muitas vezes facilitada por smartphones acessíveis e pelo uso compartilhado de dispositivos familiares.

Esse acesso precoce à *internet* tem gerado questionamentos sobre seu papel no desenvolvimento infantil. O ambiente digital possibilita que as crianças explorem recursos educacionais, jogos e redes sociais externas ao seu público, o que, em muitos casos, pode contribuir para a aprendizagem e a alfabetização (Deslandes; Coutinho, 2020).

Outro aspecto positivo é a possibilidade de conexão e colaboração entre crianças de diferentes contextos culturais, promovendo uma troca de experiências e o desenvolvimento de uma visão mais ampla e inclusiva do mundo (Deslandes; Coutinho, 2020). Quando utilizadas de forma segura, redes sociais externas ao público infantil, podem ser ferramentas poderosas para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e trabalho em equipe. Assim, o ambiente digital, se bem mediado, pode ser um aliado importante no desenvolvimento integral das crianças.

A *internet* oferece acesso a uma infinidade de conteúdos culturais, como músicas, filmes, livros e exposições virtuais, que enriquecem o repertório das crianças

e estimulam seu interesse por diversas áreas do conhecimento (Souza; Gitahy, 2015). Essa exposição a conteúdos variados pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, além de incentivar a curiosidade e o desejo pelo aprendizado.

De acordo com Luvizotto, Fusco e Scanavacca (2010), a *internet* oferece acesso a uma ampla gama de conteúdos educativos, que incluem desde jogos interativos, que estimulam o raciocínio lógico e a resolução de problemas, até plataformas de aprendizagem adaptativas, que permitem a personalização do ensino conforme o nível de desenvolvimento de cada criança. No entanto, apesar dos benefícios potenciais, o aumento do uso da *internet* por crianças também traz riscos e desafios.

Um dos principais problemas está relacionado à exposição a conteúdos inadequados, como violência, linguagem inapropriada e imagens perturbadoras, o que pode impactar a qualidade de vida e o bem-estar emocional das crianças. Além disso, a ausência de filtros e o fácil acesso às redes sociais podem colocar crianças em situações de vulnerabilidade, como o *cyberbullying*, o contato com adultos mal-intencionados e a exposição excessiva à publicidade direcionada (Luvizotto; Fusco; Scanavacca, 2010).

Outro fator preocupante é o tempo excessivo que muitas crianças passam em frente às telas, o que pode afetar sua saúde física e mental. Segundo Mello e Araújo (2021), o uso prolongado de dispositivos digitais pode estar associado a problemas de sono, aumento do sedentarismo e dificuldades de concentração. Além disso, o uso excessivo dessas tecnologias pode comprometer o desenvolvimento de habilidades sociais e de interação pessoal, uma vez que reduz o tempo dedicado às atividades presenciais e à interação com familiares e amigos.

Ademais, o uso excessivo e desregulado das tecnologias, adicionado ao consumo passivo de conteúdos, pode prejudicar o desenvolvimento da atenção e memória, levando a dificuldades de concentração e à chamada 'sobrecarga cognitiva' (Rosa; Souza, 2021). A exposição prolongada a estímulos rápidos e fragmentados, comuns na *internet*, pode interferir no desenvolvimento de habilidades de leitura aprofundada e compreensão crítica.

Do ponto de vista cognitivo, Rosa e Souza (2021) sugerem que o uso controlado da *internet* pode estimular habilidades como resolução de problemas, pensamento crítico e aquisição de novos conhecimentos. Plataformas educacionais

interativas, por exemplo, têm mostrado impacto positivo no aprendizado de línguas, ciências e matemática em idades precoces.

Já no campo emocional e comportamental, Rosa e Souza (2021) indicam que uma exposição precoce à *internet* pode aumentar o risco de problemas como ansiedade e irritabilidade. A presença de conteúdos inadequados, como violência e temas adultos, pode impactar a saúde emocional da criança, causando medo, confusão ou comportamentos imitativos. Além disso, o contato precoce com redes sociais pode ampliar a busca por validação no seu círculo social.

A mediação parental e o controle do conteúdo acessado pelas crianças são medidas fundamentais para mitigar os riscos associados ao uso da *internet*. Com o aumento do tempo de exposição às telas, especialmente em uma década dominada por dispositivos móveis e plataformas digitais, torna-se essencial que pais e responsáveis atuem de forma proativa para proteger os jovens de conteúdos inadequados, cyberbullying e outros perigos *online*.

A filtragem do uso de tecnologias se torna necessária, assim como o estabelecimento de regras claras sobre o tempo de uso das telas, pois essas medidas podem ajudar a proteger as crianças dos riscos digitais. E a presença ativa dos pais durante a utilização de dispositivos é essencial para que a *internet* seja uma ferramenta enriquecedora e segura.

Os responsáveis precisam estabelecer regras claras de uso, como delimitar horários específicos para navegação e utilizar ferramentas de controle parental, para promover o uso de plataformas seguras e educativas. Outrossim, a promoção de um diálogo aberto e constante entre pais e filhos é igualmente importante. Conversas sobre os riscos da *internet*, como a exposição ao desconhecido, o compartilhamento de informações pessoais e o impacto de conteúdos prejudiciais, ajudam a desenvolver a consciência crítica das crianças e adolescentes (Luvizotto; Fusco; Scanavacca, 2010).

Outro aspecto relevante é a educação digital, que deve estar inserida tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Ensinar sobre ética *online*, segurança cibernética e a importância do respeito nas interações virtuais contribui para uma experiência mais saudável e segura na rede. A educação digital, quando inserida nas primeiras fases escolares, pode ajudar as crianças a desenvolver uma relação equilibrada e saudável com a tecnologia.

Assim, ao equilibrar a supervisão com a autonomia gradual, os estudantes podem aproveitar as oportunidades positivas da *internet*, ao mesmo tempo em que aprendem a evitar situações de risco.

3.3 A IMERSÃO DOS CONTOS DE FADAS NO YOUTUBE

Com a popularização da *internet*, o *YouTube* é uma plataforma que ganhou muitos espectadores. Essa plataforma funciona como um repositório de vídeos digitais em que usuários, após criarem contas pessoais ou comerciais, podem publicar conteúdo em formato audiovisual. Sua estrutura é baseada em um modelo de mídia participativa, no qual os usuários não apenas consomem, mas também produzem e compartilham conteúdo. O sistema é alimentado por algoritmos de recomendação, que direcionam vídeos com base no histórico de navegação, preferências e engajamento dos usuários (Satler; Carrijo, 2019).

O *YouTube* representa uma transformação na forma como os indivíduos consomem e produzem conteúdo audiovisual. Ele reflete a convergência entre as mídias tradicionais e as mídias digitais, destacando-se como um vetor de democratização da informação e da expressão cultural (Satler; Carrijo, 2019). Além disso, a plataforma promove a criação de conteúdo sob demanda, adaptando-se às necessidades contemporâneas de consumo de mídia.

Os contos infantis ganharam um novo modo de ser contado dentro da plataforma. Esses contos de fadas tradicionais ganharam uma nova vida, sendo adaptados e compartilhados em vídeos *online*. Existem vários canais na plataforma que têm disponibilizado uma ampla variedade de contos de fadas clássicos em português, permitindo que as crianças de hoje em dia tenham acesso a essas histórias encantadoras (Pereira; Santos, 2020). Esses vídeos trazem as narrativas de forma animada e divertida, deixando viva a tradição dos contos de fadas.

A disseminação dos contos de fadas no *YouTube* representa um impacto significativo no cenário contemporâneo de consumo digital. As plataformas de vídeo, especialmente o *YouTube*, tornaram-se repositórios extensivos de conteúdo direcionado ao público infantil, no qual os contos de fadas são amplamente explorados em diferentes formatos, como animações, leituras dramatizadas e adaptações contemporâneas.

A acessibilidade da plataforma e seu apelo visual tornam esses conteúdos altamente atrativos para crianças, mas ao mesmo tempo levantam questões sobre como esses contos são apresentados e como podem impactar o desenvolvimento infantil, especialmente em termos de padrões de gênero e de caracterização dos personagens.

Os contos de fadas possuem longa tradição na literatura infantil e no desenvolvimento psicológico, desempenhando um papel importante na formação de valores e na compreensão de estruturas sociais e emocionais (Caldin, 2017). No *YouTube*, esses contos se adaptaram à linguagem digital, ganhando novas formas e abordagens que respondem ao comportamento do público infantil ávido por conteúdos audiovisuais de fácil acesso.

Segundo Fontoura (2020), o consumo de contos de fadas por meio de plataformas digitais como o *YouTube* permite que as crianças tenham contato com narrativas já consagradas, mas também cria um ambiente de 'imersão rápida', no qual os vídeos em sequência mantêm a atenção por longos períodos.

Além disso, a variedade de adaptações e versões oferecidas na plataforma amplia as perspectivas sobre os contos de fadas, possibilitando que as crianças tenham contato com diferentes narrativas e estilos visuais. No entanto, é comum que essas adaptações sejam simplificadas e comercializadas, distanciando-se da profundidade psicológica e dos significados simbólicos presentes nos contos de fadas clássicos.

É necessário atentar para a forma como é realizada a apresentação dos contos de fadas no *YouTube*, especialmente no que diz respeito à perpetuação de padrões de gênero e de papéis tradicionais. Conforme já citado no ideário de Fontoura (2020), pode-se observar que em muitos vídeos de contos de fadas disponíveis na plataforma, as personagens femininas são frequentemente descritas como associadas à fragilidade, beleza e passividade, enquanto os personagens masculinos assumem papéis de força, coragem e protagonismo. Esses modelos podem refletir em construções culturais tradicionais e influenciar mudanças na percepção das crianças sobre papéis de gênero e identidade.

Além disso, o consumo repetitivo de vídeos com conteúdos de padrões sociais pode impactar a formação de atitudes e opiniões limitantes nas crianças, reforçando a rigidez e a limitação dos papéis destinados a homens e mulheres. E a popularidade dos contos de fadas no *YouTube* tem levado à perpetuação de narrativas que

reforçam normas e expectativas sociais desatualizadas. Segundo Satler e Carrijo (2019), muitos desses vídeos ainda retratam mulheres como personagens passivas, que dependem de um príncipe ou herói para alcançar seus objetivos ou felicidade. Por outro lado, os personagens masculinos muitas vezes são apresentados como fortes, corajosos e líderes naturais, perpetuando a ideia de que os homens devem assumir papéis de autoridade, enquanto as mulheres são moldadas para serem cuidadosas, passivas ou submissas.

Nesse contexto, as mídias desempenham um papel central na construção e disseminação dos padrões estéticos contemporâneos. A partir de representações idealizadas do corpo e da aparência, os meios de comunicação não apenas informam sobre tendências e valores estéticos, mas também formam subjetividades ao sugerirem modelos a serem seguidos, além de distorcer percepções ao impor padrões excludentes ou inatingíveis (Jacomel, 2008). Esse fenômeno pode ser observado na publicidade, no cinema e nas redes sociais, no qual imagens editadas e corpos hiperpadronizados reforçam ideais estéticos muitas vezes dissociados da diversidade real dos indivíduos.

O conceito de relativismo estético sustenta a ideia de que a percepção do belo não é universal nem atemporal, mas sim socialmente construída e historicamente condicionada. Diferentemente de concepções essencialistas que buscam critérios objetivos e imutáveis para a beleza, o relativismo estético argumenta que os padrões de estética variam conforme o contexto cultural, os valores sociais e as influências midiáticas. Dessa forma, questões como “o que é belo?” ou “os padrões de beleza são universais?” não possuem respostas fixas, mas dependem da construção simbólica de cada sociedade (Jacomel, 2008).

Ao longo da história, diferentes culturas estabeleceram concepções distintas sobre o belo e o sensual. Enquanto em determinados períodos corpos voluptuosos foram associados à fertilidade e ao status social, em outros, a magreza extrema tornou-se um ideal estético. Da mesma forma, padrões de sensualidade não podem ser considerados inatos, mas sim adquiridos por meio da normatização cultural e da educação sensível, sendo fortemente influenciados pelas instituições sociais e pelos meios de comunicação (Jacomel, 2008).

A propagação contínua de padrões impostos pela sociedade pode ser particularmente prejudicial em um momento em que a comunidade está cada vez mais consciente da importância da igualdade de gênero e da desconstrução de papéis

tradicionais (Santos; Soares, 2018). Ao assistir os contos de fadas, as crianças podem internalizar padrões de comportamento que limitam suas próprias possibilidades de expressão e atuação no mundo, acreditando que determinadas características ou atitudes são exclusivas de um gênero específico.

Por outro lado, há uma variedade de conteúdos disponíveis nas plataformas digitais, como o *YouTube*, que oferece um campo fértil para a transmissão de mensagens que poderiam ser mais inclusivas e representativas. Infelizmente, muitos vídeos de contos de fadas ainda não exploram a diversidade de identidades de gênero, culturas e orientações sexuais, podendo limitar a forma como as crianças se enxergam no mundo. A falta de representatividade pode levar à sensação de alienação daqueles que não se veem refletidos nas histórias tradicionais (Satler; Carrijo, 2019).

A mediação parental e a orientação educacional são essenciais para que as crianças aproveitem o conteúdo do *YouTube* de forma saudável e enriquecedora. Pais e educadores podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento crítico nas crianças ao discutirem o conteúdo assistido, destacando mensagens positivas e questionando representações dos padrões.

3.4 OS CONTOS DE FADAS DO SÉCULO XXI

Os contos de fadas, embora gênero literário e cultural, evoluíram significativamente ao longo dos séculos. No século XXI, as narrativas tradicionais enfrentam uma transformação marcada pela necessidade de adaptação aos contextos socioculturais contemporâneos e à crescente diversidade das audiências.

A reinterpretação dos contos de fadas no século XXI é uma resposta às demandas por representações mais inclusivas, reflexivas e críticas acerca das questões de gênero, identidade, cultura e moralidade. Essa mudança é impulsionada não apenas pelas novas correntes de pensamento, mas também pela influência das mídias digitais, que oferecem plataformas para a disseminação e a renovação dessas narrativas.

Um dos aspectos mais notáveis na reinterpretação dos contos de fadas do século XXI é a desconstrução e a subversão dos papéis de gênero tradicionais. Essas reinterpretações refletem uma mudança cultural mais ampla, na qual a busca pela igualdade de gênero e a representação da diversidade de experiências humanas são

cada vez mais valorizadas. Ao empoderar as personagens femininas, os contos de fadas do século XXI são direcionados para a formação de papéis mais positivos e multifacetados nas crianças (Merege, 2019).

Os contos de fadas do século XXI também buscaram refletir uma diversidade cultural mais ampla, incluindo vozes e experiências que historicamente foram marginalizadas. Narrativas que incorporam elementos de diferentes culturas e tradições, como os contos de fadas africanos, asiáticos e indígenas, são consagrados como um entendimento mais plural da humanidade (Maia; Maia, 2015). Além disso, a representação de personagens de diferentes etnias, orientações sexuais e capacidades físicas desafia os padrões predominantemente engessados e promove o alcance da diversidade.

Essa inclusão é importante não apenas para ampliar as representações no âmbito literário, mas sim para fornecer às crianças modelos de identificação que reflitam a realidade do mundo em que vivem. Ao se verem representados em histórias, crianças de diferentes origens podem desenvolver um senso de pertencimento e valor próprio. Ademais, os contos de fadas contemporâneos também estão cada vez mais abordando questões sociais e ambientais, refletindo questões globais como a justiça social, a preservação ambiental e a responsabilidade coletiva (Maia; Maia, 2015).

Essa abordagem permite que as histórias não sejam apenas entretenimento, mas também ferramentas educativas que estimulam a reflexão crítica e o engajamento cívico nas crianças. Por meio de narrativas que abordam temas relevantes, os contos de fadas podem se tornar veículos para a promoção de valores sociais e éticos.

Os contos de fadas do século XXI representam uma evolução significativa do gênero, caracterizada pela reinterpretação e adaptação às demandas culturais contemporâneas. A capacidade das narrativas de se reinventar diante das mudanças sociais destaca sua importância contínua como veículo de transmissão de cultura e de reflexão sobre a condição humana (Maziero; Niederauer, 2009). Originados em tempos remotos e transmitidos oralmente ao longo das gerações, os contos de fadas tradicionais refletiam valores, crenças e estruturas sociais de suas épocas. Entretanto, na contemporaneidade, esses textos foram reformulados para atender às transformações sociais e culturais, preservando a essência do gênero, mas oferecendo novas perspectivas sobre seus temas centrais.

Ao invés de apresentarem heróis e heroínas limitados a papéis padronizados, as versões contemporâneas frequentemente trazem protagonistas complexos, multifacetados e em sintonia com os debates atuais, como empoderamento feminino, diversidade cultural e representatividade de gênero (Maziero; Niederauer, 2009). Esse processo de reinterpretação amplia o alcance das histórias, tornando-as relevantes para diferentes públicos e contextos.

Além disso, a adaptação dos contos de fadas no século XXI ocorre também por meio de novas linguagens e mídias. Obras literárias, produções cinematográficas, séries televisivas e até jogos eletrônicos têm sido utilizados como plataformas para revisitar essas narrativas, dialogando com públicos mais jovens e inseridos em uma cultura digital (Merege, 2019). A globalização e o acesso facilitado à informação também contribuíram para uma maior pluralidade de vozes nesse processo, permitindo que contos de diversas culturas sejam reconhecidos, reinterpretados e disseminados de maneira mais ampla.

Outro ponto relevante é o papel reflexivo das novas versões dos contos de fadas. Através de metáforas e simbolismos, essas histórias continuam a funcionar como veículos de reflexão sobre a condição humana. Os temas centrais, como amor, coragem, justiça, medo e esperança, permanecem universais, mas são ressignificados para abordar questões contemporâneas, como desigualdade social, ambientalismo e identidade individual (Merege, 2019).

Assim sendo, os contos de fadas, tradicionalmente compreendidos como narrativas ficcionais transmitidas ao longo das gerações, não se limitam à função de entretenimento ou ao estímulo da imaginação infantil. Para além da estrutura narrativa, essas histórias carregam conteúdos simbólicos e valores culturais que são assimilados de maneira implícita pelos leitores e ouvintes (Merege, 2019). Esse processo ocorre tanto pela visão de mundo presente no inconsciente coletivo da sociedade que os produziu quanto pela mediação pedagógica realizada pelo docente ao apresentá-los aos educandos.

Dessa forma, o estudo dos contos de fadas pode ser analisado à luz do conceito de currículo oculto, entendido como o conjunto de aprendizagens não explicitadas nos currículos formais, mas que influenciam significativamente a formação dos sujeitos. No contexto da educação, os valores subjacentes aos contos de fadas – como moralidade, papéis de gênero, relações de poder e normas sociais –

são frequentemente incorporados de forma tácita pelos estudantes, moldando suas percepções de mundo e seus comportamentos (Abreu, 2018).

A abordagem pedagógica utilizada pelo docente desempenha, portanto, um papel central nesse processo, pois a maneira como as histórias são narradas, analisadas e discutidas pode reforçar ou ressignificar as mensagens implícitas nelas contidas. Assim, uma leitura crítica dos contos de fadas possibilita não apenas a identificação do currículo oculto (Abreu, 2018) presente nessas narrativas, mas também a problematização de seus conteúdos à luz de perspectivas contemporâneas, promovendo uma educação mais reflexiva e emancipatória.

Nesse sentido, a pesquisa sobre os contos de fadas, sob a perspectiva do currículo oculto, revela-se fundamental para compreender como os discursos simbólicos são reproduzidos na sociedade e na educação, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e conscientes de sua própria construção cultural.

Antonio Gramsci (1987) dialoga com a concepção de 'visão de mundo' com o ideário de Marilena Chauí, ao discutir a formação ideológica e os processos culturais. Para Gramsci, a visão de mundo refere-se ao conjunto de valores, crenças e concepções que estruturam a maneira como os indivíduos e os grupos sociais percebem e interpretam a realidade (Duriguetto, 2008). Essa visão de mundo não é neutra; ao contrário, está historicamente condicionada e relacionada às estruturas de poder e dominação presentes em uma sociedade.

No contexto dos contos de fadas, essa perspectiva permite compreender como essas narrativas não apenas refletem, mas também reproduzem ideologias que influenciam a formação subjetiva dos indivíduos. Como Chauí argumenta, a ideologia opera de maneira naturalizada, ou seja, apresenta determinados valores e normas como universais e incontestáveis, ocultando sua origem histórica e sua função social (Duriguetto, 2008). Assim, os contos de fadas podem ser analisados como veículos de transmissão de uma visão de mundo que expressa e reforça as relações de poder dominantes na sociedade que os produziu.

A partir dessa leitura, o currículo oculto presente nos contos de fadas pode ser interpretado como um mecanismo pelo qual determinadas concepções de mundo são introjetadas nos educandos, influenciando sua percepção sobre temas como moralidade, papéis de gênero e hierarquias sociais. A visão de mundo expressa nessas narrativas, conforme a tradição em que foram criadas e adaptadas, pode tanto

consolidar discursos hegemônicos quanto, em algumas abordagens pedagógicas contemporâneas, ser ressignificada de maneira crítica (Duriguetto, 2008).

Os contos de fadas do século XXI não são meras reproduções das histórias tradicionais, mas sim expressões dinâmicas e adaptáveis da cultura. A capacidade dessas narrativas de se reinventar diante das mudanças sociais reforça sua relevância como ferramentas de ensino, de reflexão e de transmissão de valores. Essa evolução demonstra que os contos de fadas, mesmo após séculos de existência, continuam a desempenhar um papel essencial no imaginário coletivo, conectando gerações e oferecendo novas formas de interpretar o mundo.

4 MÉTODO

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa. Segundo a autora Minayo (2011) esse tipo de pesquisa não faz uso de dados estatísticos, tendo como característica central a descrição e apropria-se dos significados, motivos, culturas e dos resultados na vida dos seres em sociedade. A autora acrescenta que a pesquisa de natureza qualitativa é uma abordagem que busca compreender e interpretar fenômenos sociais e humanos. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se baseia em dados numéricos e estatísticas, este tipo de pesquisa, como a autora explica, utiliza métodos como entrevistas, observação participante e análise de conteúdo para explorar e descrever aspectos subjetivos e complexos dos fenômenos refletidos.

Além disso, em conformidade com a pesquisa qualitativa selecionou-se a pesquisa descritiva analítica. De acordo com Bardin (2016), esse tipo de pesquisa envolve examinar e compreender os dados e informações apresentadas de maneira detalhada e sistemática. É uma abordagem que busca identificar padrões, relações e tendências nos dados, bem como descrever e interpretar os resultados de forma clara e objetiva. A análise analítica, por sua vez, envolve a aplicação de métodos e técnicas para examinar as relações entre as variáveis e identificar possíveis associações ou correlações.

Já a análise descritiva, segundo Bardin (2016), envolve a descrição de informações de forma clara e concisa. Isso pode incluir a identificação de padrões ou tendências nos dados e apresentação de observações ou direções relevantes. E no caso da presente pesquisa, será realizada a análise dos canais do *YouTube* e descrição dos seus conteúdos e diferentes aspectos contidos nos mesmos.

Instrumentos

Foi empregado um roteiro para análise dos vídeos com questões semiabertas relativas a: como o *youtuber* narra as histórias; qual recurso ele utiliza; como se adapta ao cenário e como as personagens dos contos são retratadas nestes canais. Também se inclui nesta análise, questões acerca das adaptações dos contos antigos para a atualidade.

Silva e Ferreira (2012) apontam que o roteiro é um instrumento importante para a elaboração de um instrumento de pesquisa, pois ajuda a organizar as ideias e a estruturar o trabalho de forma coerente e lógica. Esse instrumento é capaz de apontar questionamentos pertinentes por meio de perguntas, de acordo com o objeto analisado.

O roteiro foi aplicado nos cinco contos de fadas encontrados nos canais selecionados do *YouTube*. O intento é que o instrumento possibilite alcançar os objetivos desta pesquisa, provendo elementos para análise do conteúdo deste canal.

Procedimento de coleta dos dados

Pensando na temática da pesquisa foram escolhidos cinco contos de fadas a serem analisados: Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, A Princesa e o Sapo, Cinderela e A Branca de Neve e os sete anões, que estão presentes no quadro 1.

A escolha desses contos clássicos surgiu, pois frequentemente retratam personagens femininas em papéis limitados e idealizados. Além disso, as personagens desses enredos perpetuam padrões que, historicamente, moldaram a maneira como a sociedade enxerga as mulheres e suas virtudes, e ao estudar a sexualização nesses contos é possível evidenciar a importância de representar personagens femininas de maneira mais equilibrada, promovendo valores de igualdade e respeito.

A escolha dos contos Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, A Princesa e o Sapo, Cinderela e Branca de Neve e os Sete Anões justifica-se por sua ampla difusão cultural e por representarem narrativas paradigmáticas no imaginário infantil ocidental. Esses contos, transmitidos ao longo de gerações por meio da literatura, do cinema e, mais recentemente, das plataformas digitais como o *YouTube*, ocupam lugar central na formação simbólica de crianças, especialmente no que tange às construções de identidade, gênero e sexualidade.

Além de sua popularidade, essas histórias compartilham estruturas narrativas que reiteram modelos tradicionais de feminilidade e masculinidade, frequentemente marcados por padrões de beleza idealizados, passividade feminina e a valorização de atributos físicos como elementos centrais para o reconhecimento social e afetivo. Dessa forma, tornam-se exemplares para a análise crítica de como tais elementos

contribuem para a sexualização precoce de meninas, naturalizando estereótipos e papéis de gênero restritivos desde a infância.

Ademais, os cinco contos selecionados permitem explorar diferentes formas de representação da figura feminina, ora como frágil e submissa, ora como transgressora e punida, possibilitando um olhar comparativo sobre os discursos que sustentam a erotização e o controle dos corpos femininos na cultura infantil. Portanto, a análise dessas narrativas se mostra relevante para compreender como os contos de fadas, mesmo em releituras contemporâneas, continuam a desempenhar papel significativo na socialização das crianças e na perpetuação de normativas de gênero e sexualidade.

Quadro 2 – Ficha técnica dos contos de fadas

Conto	Autoria original/ ano de publicação	Readaptação/ano de lançamento	Personagens femininas
Rapunzel	Giambattista Basile/1634	Irmãos Grimm/1812	Rapunzel Bruxa
Sinopse: A menina de cabelos longos é mantida presa em uma torre por uma bruxa que se utiliza de suas tranças para escalar a torre. Após anos vivendo lá, ela acaba sendo resgatada por um príncipe.			
Chapeuzinho Vermelho	Charles Perrault/1697	Irmãos Grimm/1812	Chapeuzinho Vermelha Avó
Sinopse: A garota que foi levar comida à sua avó doente e durante o caminho encontra o Lobo Mau e conta a situação de sua avó. Então o lobo indica a ela um caminho mais curto para chegar a casa da avó, contudo ele chega primeiro e devora a avó. Lá chegando ele também a devora, porém um caçador consegue as tirar da barriga do lobo, salvando-as.			
A Princesa e o Sapo	Irmãos Grimm/1812	Will Eisner/1998	Princesa
Sinopse: O príncipe cai em um feitiço se tornando um sapo. Para voltar a sua forma humana, é informado que precisa ser beijado por uma princesa, mas para isso ele precisa conquistá-la.			
Cinderela	Charles Perrault/1697	Irmãos Grimm/1812	Madrasta Cinderela Irmãs

Sinopse: Uma menina, órfã de pai e mãe, morava com a madrasta e as irmãs, ela é transformada pela família na serviçal da casa. Um dia foi anunciado pelo rei o baile para encontrar uma princesa, suas irmãs fizeram de tudo para Cinderela não ir, porém com ajuda mágica da fada madrinha ela consegue escapar e ir ao baile. Ao final, se casa com o príncipe com quem ela dançou no baile.

A Branca de neve e os sete anões	Irmãos Grimm/1812	Walt Disney/1937	Branca de Neve Madrasta
----------------------------------	-------------------	------------------	-------------------------

Sinopse: Uma menina é invejada por sua madrasta, que manda matá-la. Contudo, o caçador se recusa a fazer isso. Então, Branca de Neve foge para a floresta e vive com os sete anões, que a acolhem em sua casa. No entanto, quando a rainha descobre que isso aconteceu, envenena a menina que é acordada e salva com um beijo do príncipe.

Fonte: Autoria própria (2024).

Para este estudo foi necessária uma síntese das histórias, pois foram apresentadas de diversas formas nos canais do *YouTube*. Em seguida, foram selecionados canais para o estudo dos contos, mais precisamente os três maiores canais na plataforma *YouTube*: “Varal de histórias” com 91.829.493 visualizações; “*Kids Planet Portuguese*” com 99.259.242 visualizações; e “Os amiguinhos” com 33.136.681.792 visualizações.

A seleção dos canais do *YouTube* utilizados nesta pesquisa fundamenta-se na relevância e no alcance massivo dessas plataformas na formação simbólica infantil contemporânea. Considerando que o *YouTube* se consolidou como um dos principais meios de acesso a conteúdos audiovisuais por crianças em idade escolar, tornou-se necessário observar como os contos de fadas são contextualizados nesse ambiente digital, onde assumem novas linguagens, formatos e dinâmicas de recepção.

Para este estudo, optou-se por analisar os três canais com maior número de visualizações no que diz respeito à veiculação de narrativas infantis, especialmente contos clássicos: Varal de Histórias (91.829.493 visualizações), *Kids Planet Portuguese* (99.259.242 visualizações) e Os Amiguinhos (33.136.681.792 visualizações). A escolha desses canais se justifica não apenas por sua expressiva audiência, que os posiciona como referências no cenário do entretenimento digital infantil em língua portuguesa, mas também pela diversidade de releituras que oferecem, mantendo elementos centrais das histórias originais enquanto os adaptam às demandas e formatos da cultura midiática contemporânea.

Além disso, esses canais apresentam conteúdo voltado diretamente ao público infantil, com estética atrativa, linguagem acessível e ampla penetração entre as famílias brasileiras, o que os torna especialmente relevantes para a análise do modo como os contos de fadas, e os discursos neles contidos, continuam a ser difundidos, ressignificados e potencialmente reforçados na infância atual, sobretudo no que se refere à sexualização, aos estereótipos de gênero e à construção identitária.

Assim sendo, foram observadas todas as informações repassadas pelos *youtubers* quanto à sexualização das personagens femininas mediante os recursos utilizados para a transmissão dos conteúdos: *banner* (identidade visual da marca do canal); imagem pessoal (dicção, figurinos, maquiagem, dramatização - uso de emoções, tipo do discurso-ênfase no uso de palavras sexistas, misóginas, racistas ou de empoderamento); duração dos vídeos; descrição dos vídeos, efeitos visuais e trilha sonora. Os registros dos dados seguirão o roteiro (apêndice A) para a padronização das informações.

Procedimento de análise dos dados

Para a análise dos dados empregou-se a análise de conteúdo, mais precisamente, a análise temática, proposta por Bardin (2016). Esta análise trata-se de um conjunto de técnicas que consistem “[...] na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens [...]”, derivando em “[...] deduções lógicas e justificadas, referente à origem das mensagens [...] o emissor e seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens” (Bardin, p. 42, 2016).

Sendo assim, serão organizados os elementos que compõem a cena para a montagem dos vídeos, os discursos utilizados pelos *Youtubers* e pelos autores dos contos, bem como as características atribuídas às personagens. Dessa forma, os termos em comum e que aparecem com determinada frequência serão agrupados para posterior interpretação dos dados, com auxílio das obras bibliográficas selecionadas e mencionadas nas referências.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

5.1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Para a realização da análise dos resultados, é necessário ponderar acerca da importância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil. Os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento emocional das crianças ao apresentar uma gama diversificada de sentimentos e experiências.

De acordo com os autores Mendes e Manson (2022), esses contos frequentemente expõem as crianças a emoções complexas, como medo, tristeza e alegria, em um ambiente seguro e controlado. Isso permite que as crianças processem e compreendam essas emoções de maneira gradual e não ameaçadora, facilitando o desenvolvimento da empatia e da resiliência emocional.

Os contos de fadas abordam temas universais, como coragem, medo, amor, perda e superação, de forma acessível às crianças. Esses temas os ajudam a compreender e processar suas emoções. Mendes e Manson (2022) argumentam que os contos de fadas auxiliam no enfrentamento de conflitos internos, ao projetar situações desafiadoras nos personagens. Assim, a criança aprende a lidar com seus próprios desafios emocionais em um ambiente seguro e simbólico.

Além disso, os contos de fadas frequentemente abordam dilemas morais e éticos, ajudando as crianças a internalizar valores e comportamentos sociais. Esses contos muitas vezes ilustram o triunfo do bem sobre o mal, proporcionando um modelo para a resolução de conflitos e a tomada de decisões (Bettelheim; Caetano, 2002). As crianças aprendem sobre justiça, coragem e a importância de seguir princípios éticos, o que é fundamental para o desenvolvimento de uma moralidade interna.

Histórias como "Cinderela" e "João e o Pé de Feijão" ilustram princípios como a justiça, a bondade e a coragem. Ao ouvir essas histórias, as crianças começam a construir seu senso de certo e errado (Bettelheim; Caetano, 2002), compreendendo as consequências das ações e a importância de escolhas responsáveis.

Do ponto de vista cognitivo, os contos de fadas estimulam a imaginação e a criatividade das crianças, além de trazer a importância da fantasia e da ficção para o desenvolvimento intelectual, afora que esses elementos ajudam as crianças a explorar

conceitos complexos e a expandir suas habilidades cognitivas por meio de histórias fantásticas (Poletto; Reis, 2024).

A exposição a mundos imaginários e personagens fantásticos pode promover o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, uma vez que as crianças são frequentemente desafiadas a entender e interpretar narrativas complexas e simbólicas.

Além disso, a estrutura narrativa dos contos de fadas, que frequentemente inclui um início, um meio e um fim claros, ajuda as crianças a desenvolver habilidades de linguagem e compreensão textual. A exposição às narrativas dos contos de fadas enriquece o repertório linguístico infantil. As histórias apresentam uma diversidade de palavras, expressões e estruturas narrativas que contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita (Kielb; Silva, 2020). Os contos de fadas estimulam o interesse pela leitura e melhoram a compreensão textual das crianças.

Dessa forma, a repetição e a previsibilidade encontradas em muitos contos de fadas ajudam na aquisição de vocabulário e na compreensão de estruturas narrativas, que são fundamentais para a alfabetização precoce (Merege, 2019). A autora Merege (2019) também complementa que os contos de fadas têm um impacto social significativo, fornecendo um espaço para discussões e interações familiares.

As crianças, ao se identificarem com os personagens das histórias, podem compreender diferentes perspectivas e experiências. A empatia pode ser promovida à medida que elas vivenciam, ainda que de forma imaginária, as dificuldades e vitórias das personagens (Kielb; Silva, 2020). Isso pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, como a cooperação e o respeito às diferenças.

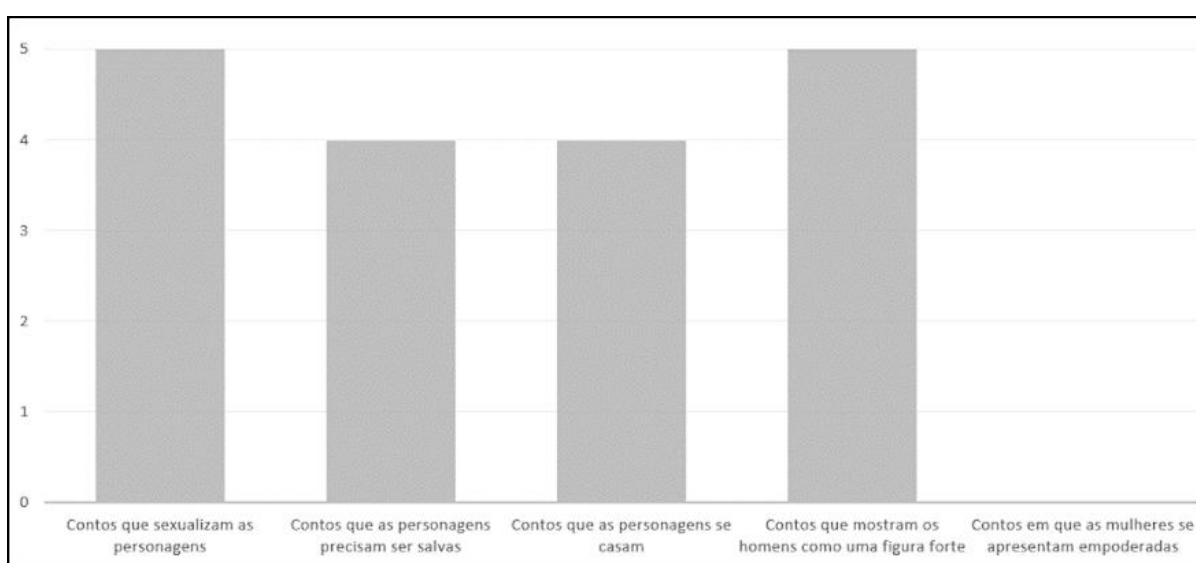
Os contos de fadas também oferecem uma rica fonte de conhecimento histórico e cultural. Ao explorar essas narrativas, as crianças entram em contato com tradições, costumes e crenças de diferentes épocas e regiões (Kielb; Silva, 2020). Isso pode ampliar sua compreensão de mundo e promover a valorização da diversidade cultural.

Em suma, os contos de fadas são muito mais do que histórias encantadoras, são ferramentas essenciais para o desenvolvimento infantil. Por meio da exploração de emoções, dilemas morais, criatividade e habilidades linguísticas, esses contos oferecem uma base sólida para o crescimento emocional, cognitivo e social das crianças, demonstrando seu valor inestimável para a formação infantil.

5.2 ANÁLISE TÉCNICA DOS CONTOS DE FADAS SELECIONADOS

Antes de apresentar a análise técnica dos contos na versão encontrada no *YouTube*, é necessário analisar algumas características principais dos contos selecionados na íntegra. Essas informações estão no gráfico apresentado a seguir, esse gráfico é constituído pelo número de contos analisados e pelas características encontradas nas histórias.

Figura 2 – Gráfico sobre as características dos contos de fadas na versão original



Fonte: Autoria própria (2024).

A partir deste gráfico pode-se observar que os contos de fadas contados na íntegra carregam uma grande problemática acerca dos papéis de gênero na sociedade. Eles sexualizam as personagens principais, mostram que elas precisam ser salvas, ao fim do conto elas se casam com seus príncipes e em nenhum conto foram encontrados enredos que empoderem as mulheres.

O gráfico foi justamente constituído pelo número dos contos de fadas analisados (0 a 5) e pelas características que padronizam as histórias, para assim poder compreender quais são esses aspectos que se repetem nos enredos dos contos selecionados para análise. Após a apresentação do gráfico acima foi realizada uma análise técnica dos cinco seguintes contos; Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, A Princesa e o Sapo, A Cinderela e A Branca de Neve e os sete anões. Para isso foi efetuado um roteiro (apêndice A) e aplicado nos vídeos dos contos dos canais do *YouTube* já citados.

5.2.1 Canal “Varal de Histórias”

A tabela 1 apresenta as informações sobre o canal, logo depois são apresentados as informações sobre o roteiro de análise dos vídeos. Essas informações podem ser observadas a seguir:

Tabela 2 – Informações do canal “Varal de Histórias”

Data em que foram coletadas as informações	Nº de inscritos	Nº de visualizações	Nº de vídeos	Data de criação	País
28/07/2024	636 mil	114.345.916	634	03/06/2013	Brasil

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O canal Varal de Histórias, identificado na plataforma *YouTube* como @VaraldeHistorias, destaca-se como uma importante iniciativa de contação de histórias voltada ao público infantil, especialmente no contexto da língua portuguesa. Com uma proposta educativa e lúdica, o canal apresenta narrativas orais de forma acessível e criativa, utilizando recursos simples como fantoches, cordas e objetos simbólicos que compõem um “varal” de elementos narrativos. Essa estética artesanal e intimista aproxima a contadora de histórias da audiência, promovendo uma experiência afetiva e envolvente para crianças em idade escolar.

A idealizadora e narradora principal do canal é Juçara Batichoti, que conduz as contações com entonação suave, expressividade e uma linguagem clara, características que favorecem a compreensão e o engajamento infantil. Sua performance narrativa valoriza a oralidade, a imaginação e a ludicidade, elementos centrais para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A estrutura dos vídeos geralmente é curta e direta, com foco na ambientação simbólica da história e no estímulo à criatividade.

Com cerca de 600 mil inscritos e um volume expressivo de visualizações, ultrapassando 90 milhões, o canal Varal de Histórias consolidou-se como referência no segmento infantojuvenil digital. Seus vídeos são disponibilizados com regularidade, geralmente em frequência semanal, o que contribui para a manutenção de uma audiência cativa e fiel. A escolha de contos clássicos, como Cinderela, Branca de

Neve e Chapeuzinho Vermelho, evidencia o interesse do canal em preservar e adaptar narrativas tradicionais, ao mesmo tempo em que propõe uma abordagem contemporânea e educativa dessas histórias.

A relevância do Varal de Histórias para esta pesquisa reside, sobretudo, na forma como o canal realiza a transposição de contos clássicos para o ambiente digital, mantendo elementos da tradição oral ao mesmo tempo em que se insere nas dinâmicas de produção e consumo da cultura midiática atual. Tal escolha possibilita a análise de como aspectos simbólicos presentes nos contos de fadas, como estereótipos de gênero, representações do corpo e padrões de comportamento são (re)construídos em narrativas audiovisuais voltadas ao público infantil. Dessa forma, o canal constitui um objeto pertinente para compreender como os discursos transmitidos por meio das histórias contribuem para a formação de valores, emoções e identidades na infância contemporânea.

O primeiro conto analisado foi o de 'Rapunzel'. O vídeo possui 107 mil visualizações e apresenta uma versão adaptada da história, na qual o príncipe não se casa com Rapunzel, diferente da versão original, ele apenas a resgata da torre e tornam-se amigos. A narradora aparece no vídeo descrito como a bruxa da história, e utiliza acessórios como uma torre e tranças, ambientando-se em um cenário real.

A personagem feminina, contudo, é retratada como indefesa, necessitando da ajuda de um príncipe para ser salva e a figura da princesa é jovem, enquanto a bruxa é mais velha, esses são aspectos que ressaltam a representação dos papéis de gênero e reforçam o etarismo. A adaptação, entretanto, modifica o conto, de forma que Rapunzel e o príncipe não desenvolvem uma relação amorosa, mas sim de amizade, oferecendo uma variação significativa na dinâmica tradicional.

O segundo conto analisado foi 'Chapeuzinho Vermelho'. Com 415 mil visualizações, o vídeo utiliza a versão original da história. A narradora interpreta o lobo mau e utiliza um fantoche para representar a personagem principal, além de uma cesta de palha e flores para ajudar a contar a história em um cenário realista. Nesse caso, as personagens femininas são novamente retratadas como indefesas, dependendo da intervenção de um caçador para serem salvas. A figura do caçador é representada como um homem forte e capaz de garantir a segurança de Chapeuzinho e de sua avó, reforçando, assim, os papéis de gênero tradicionais.

Em 'A Princesa e o Sapo', conta com 38 mil visualizações. A narradora utiliza um fantoche de sapo, livros ao fundo do cenário e veste uma roupa neutra. Na história,

o sapo procura uma princesa para retornar à sua forma humana de príncipe, exigindo que seja uma jovem e bonita. Embora o enredo contenha elementos de machismo, a narradora introduz uma quebra de expectativa: ao final, o príncipe retorna à sua forma humana após o beijo da princesa, mas eles não se casam, questionando o padrão dos 'felizes para sempre'.

A ideia de "felizes para sempre", frequentemente apresentada nos finais dessas narrativas, apresenta aspectos que podem ser problemáticos na formação de valores e expectativas das crianças. Segundo Baliscei, Calsa e Stein (2016), o 'felizes para sempre' frequentemente é associado à resolução final de conflitos e ao alcance de uma vida perfeita e idealizada.

Tradicionalmente, os contos de fadas reforçam a imagem do príncipe como o agente da ação e da princesa como a figura passiva, cujo destino está condicionado ao casamento ou ao resgate por um homem. No entanto, em *A Princesa e o Sapo*, observa-se um deslocamento dessa lógica. Inicialmente, a princesa se mostra relutante e até mesmo resistente ao sapo, recusando-se a aceitá-lo como companhia.

Essa inversão de papéis sugere uma quebra, ainda que parcial, da dependência feminina em relação ao masculino. Diferentemente de contos como *A Cinderela*, em que a protagonista depende da ação de um príncipe para sua libertação, aqui a princesa tem um papel decisivo na resolução do enredo. No entanto, é importante considerar que, apesar dessa subversão inicial, o conto ainda reforça certos padrões tradicionais ao manter o final associado ao casamento e à ascensão social da protagonista por meio da figura do príncipe encantado.

Na maioria das vezes, o casamento entre os protagonistas ou a superação de um grande obstáculo leva a uma felicidade estática e permanente. Embora essa ideia possa transmitir conforto e esperança às crianças, ela carrega implicações problemáticas que merecem reflexão. O ideal de felicidade representado nos contos de fadas geralmente reflete padrões culturais e sociais eurocêntricos, ignorando a diversidade de experiências, culturas e formas de vida (Baliscei; Calsa; Stein, 2016). Isso pode levar crianças de diferentes contextos sentirem-se restritas ou compelidas a se adequarem a esses padrões.

Na análise do conto 'Cinderela', a narradora usa um fantoche para representar a personagem principal, veste-se como uma fada madrinha e utiliza acessórios como o sapatinho de cristal, a carruagem e o vestido da princesa - o vídeo possui 989 mil visualizações. A versão original do conto é preservada, em que Cinderela precisa de

um príncipe para ser resgatada. A personagem é retratada como alta, magra e simpática, enquanto a madrasta é representada como uma mulher velha e má. Essa interpretação reforça modelos de gênero, como a fragilidade da mulher que precisa de ajuda e a força e poder do homem, culminando no casamento e no ideal de ‘felizes para sempre’.

Por fim, em ‘Branca de Neve’, conta com 284 mil acessos. A narradora veste-se como personagem e utiliza um fantoche e acessórios como o espelho da bruxa e a maçã envenenada. Novamente, há uma clara demarcação dos papéis de gênero: Branca de Neve, envenenada pela maçã da bruxa má, é salva pelo beijo de um príncipe, com quem passa a viver no castelo, reforçando o padrão de que a mulher depende do homem para alcançar sua felicidade plena.

5.2.2 Canal “*Kids Planet Portuguese*”

A tabela 2 apresenta informações sobre o canal *Kids Planet Portuguese*, que, apesar de apresentar um nome estrangeiro, possui contos de fadas na língua portuguesa. Após a tabela, foi apontado as informações da aplicação do roteiro dos vídeos encontrados no canal.

Tabela 2 – Informações do canal “*Kids Planet Portuguese*”

Data em que foram coletadas as informações	Nº de inscritos	Nº de visualizações	Nº de vídeos	Data de criação	País
28/07/2024	372 mil	108.644.702	272	11/04/2018	Portugal

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O canal *Kids Planet Portuguese* no *YouTube*, criado em abril de 2018 e com sede em Portugal, configura-se como um espaço dedicado à transmissão de contos de fadas, cantigas de berçário, histórias morais e séries animadas. Voltado ao entretenimento infantil, o canal apresenta uma curadoria de vídeos interativos, que combinam narrativas e canções para bebês, crianças pequenas e em idade escolar, com o objetivo de oferecer conteúdo educativo e afetivo, voltado especialmente para a primeira infância.

Com uma base de aproximadamente 381 mil inscritos e mais de 110 milhões de visualizações, distribuídas por cerca de 295 vídeos, *Kids Planet Portuguese* consolidou-se como referência no nicho de conteúdo infantil em língua portuguesa.

A regularidade de publicações, aliada à consistência temática, contribui para a criação de uma audiência cativa que busca tanto entretenimento quanto aprendizado em ambientes midiáticos seguros.

A proposta do canal centra-se em combinar ludicidade e pedagogia, apresentando narrativas curtas e canções reconfortantes, como canções de ninar, para auxiliar escolhas práticas como o momento de colocar bebês para dormir. A linguagem se caracteriza por sua clareza, ritmo cadenciado e aspecto interativo, favorecendo assim tanto o envolvimento emocional quanto o desenvolvimento cognitivo das crianças.

A análise da presente pesquisa sobre o canal *Kids Planet Portuguese* é relevante por diversas razões: primeiro, por seu alcance quantitativo e por sua influência dentro do universo infantil digital; segundo, por sua prática de ressignificar contos tradicionais, geralmente em sua forma clássica, em formatos audiovisuais adequados às demandas midiáticas contemporâneas; e, por último, por oferecer uma plataforma propícia à observação de possíveis contaminações de estereótipos de gênero e padrões de comportamento, sobretudo em contos de fadas que fazem parte da seleção do estudo. Através da análise dos vídeos, será possível identificar tanto a manutenção quanto a eventual modificação de discursos originais sobre identidade, gênero e emoções na transposição para o meio digital.

O primeiro conto analisado no canal foi o da 'Rapunzel'. O vídeo é narrado em português, com legendas em inglês, e, diferentemente do canal 'Varal de História', é apresentado em formato de desenho animado, com um narrador contando a história enquanto os personagens são representados graficamente. O enredo segue a versão clássica do conto, visto que a bruxa é retratada como uma figura horrível, feia e maligna, enquanto a princesa é descrita como bela e adorável, aguardando durante toda sua vida que o príncipe encantado a resgate da torre para que possa viver felizes para sempre. Este conto reforça papéis tradicionais de gênero.

As personagens femininas são frequentemente retratadas em papéis passivos e de submissão. Princesas e heroínas são muitas vezes representadas como belas, gentis e altruístas, mas dependentes de terceiros, geralmente príncipes ou figuras masculinas, para resolverem seus conflitos e alcançarem a 'felicidade eterna' (Bastos;

Nogueira, 2016). Esse padrão reflete uma visão tradicional da feminilidade associada à beleza, bondade e domesticidade, o que pode influenciar as expectativas das meninas em relação ao próprio papel na sociedade, reforçando a ideia de que as mulheres devem ser recompensadas por sua virtude, docilidade e sacrifício, muitas vezes em detrimento de sua independência ou agência (Bastos; Nogueira, 2016).

Os homens, por outro lado, são frequentemente retratados como heróis corajosos, ativos e protetores. Príncipes encantados e personagens masculinos são valorizados por suas ações, inteligência e bravura (Martins, 2016). Enquanto as mulheres aguardam salvação, os homens enfrentam desafios, derrotam vilões e conquistam recompensas.

O segundo conto analisado foi o da 'Chapeuzinho Vermelho', com 1,6 milhões de visualizações. Pode-se observar que os vídeos desse canal seguem um padrão: são narrados em português, têm legendas em inglês e são apresentados em desenho animado. A história, semelhante à versão original, mostra uma menina indefesa na floresta que, ao chegar na casa de sua avó, necessita da ajuda de um caçador para se defender do lobo mau. Reforça o padrão da mulher frágil que precisa da ajuda de um personagem masculino.

O conto subsequente analisado foi o da 'Princesa e o Sapo', que também segue o padrão do canal, com narração em português e formato animado, contabilizando 80 mil acessos. O enredo mantém-se fiel à história clássica, retratando a princesa como bela e doce, vivendo em um reino encantado. Entretanto, nesta narrativa, o sapo é quem precisa de ajuda para voltar a ser príncipe e, após a princesa ajudá-lo, ele retorna à forma humana; e ao fim da história eles se casam e vivem felizes para sempre. Reforça o padrão segundo o qual a princesa sempre precisa se casar com um príncipe ao final do conto.

O conto de 'Cinderela' segue o mesmo padrão do canal, narrado em português e apresentado em desenho animado, e segue a versão clássica da história. A protagonista é descrita como bela e gentil, enquanto a madrasta é uma mulher de aparência feia e comportamento malévolo. Ademais, a felicidade de Cinderela só é alcançada após seu casamento com o príncipe, reforçando a noção de que a protagonista precisa de um príncipe para ser resgatada e alcançar a felicidade.

Por fim, o conto de 'A Branca de Neve e os Sete Anões' possui 49 mil visualizações e segue o mesmo padrão do canal, sendo apresentado na versão original da história. Nesta narrativa, uma bruxa má deseja a morte de Branca de Neve,

e é apenas com a intervenção do príncipe que a protagonista consegue ser salva da bruxa e ser feliz para sempre.

5.2.3 Canal “Os amiguinhos”

O último canal a ser analisado foi ‘Os amiguinhos’, a tabela de informações sobre o canal aparece a seguir, contando as informações do roteiro aplicado nos vídeos analisados.

Tabela 3 – Informações do canal “Os amiguinhos”

Data em que foram coletadas as informações	Nº de inscritos	Nº de visualizações	Nº de vídeos	Data de criação	País
28/07/2024	9,3 milhões	3.490.359.477	878	15/11/2014	Brasil

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O canal Os Amiguinhos TV, identificado por @OsAmiguinhosTV no *YouTube*, configura-se como uma das plataformas mais influentes de conteúdo infantil em língua portuguesa. Criado em 15 de novembro de 2014, o canal acumula aproximadamente 9,9 milhões de inscritos e impressionantes 3,7 bilhões de visualizações, consolidando-se num dos principais espaços de entretenimento e aprendizado digital para crianças no Brasil.

A proposta editorial do canal é diversificada, abrangendo canções infantis, clipes, desenhos animados e contos populares, incluindo versões audiovisuais de narrativas clássicas como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Rapunzel, Branca de Neve e A Pequena Sereia. O formato dos vídeos geralmente apresenta uma duração média de cerca de 20 minutos, com publicações em frequência aproximada de uma vez por semana, o que garante visibilidade constante e mantém o engajamento com o público infantojuvenil.

Do ponto de vista metodológico, o canal Os Amiguinhos TV se mostra particularmente relevante para esta pesquisa por diversos fatores. Primeiramente, seu amplo alcance quantitativo e expressiva audiência atestam sua capacidade de circulação e influência junto às crianças brasileiras. Em seguida, a variedade de formatos, que vão desde animações até contação em *live action*, permite analisar as

nuances da recontextualização dos contos tradicionais no ambiente midiático contemporâneo. Por fim, a análise dos vídeos viabiliza a observação de elementos simbólicos e discursivos que podem reforçar estereótipos de gênero, padrões físicos e mecanismos de controle emocional presentes em narrativas infantis, contribuindo para debates sobre hipersexualização precoce e formação identitária.

Essa escolha, portanto, possibilita um olhar abrangente sobre como discursos e representações vinculados aos contos de fadas são reorganizados e domesticados no ambiente do *YouTube*, tocando em aspectos relevantes para a educação, identidade e saúde emocional das crianças.

No conto da 'Rapunzel' o vídeo é narrado em português, é apresentado no formato de desenho animado, segue o enredo original da história e possui 10 milhões de visualizações. O conto apresenta uma jovem com cabelos longos e mágicos, que é trancada em uma torre por uma bruxa que a sequestrou ainda bebê. O enredo continua com Rapunzel vivendo isolada, aguardando o resgate de um príncipe, que eventualmente descobre sua localização e, com a ajuda dela, consegue escalar a torre usando seu longo cabelo.

A estrutura do enredo reflete temas de papéis de gênero tradicionais e reforça certos padrões, especialmente em torno da passividade e fragilidade femininas. Rapunzel é retratada como uma jovem que depende do príncipe para se libertar, e sua função na narrativa se concentra principalmente em sua aparência — particularmente seu cabelo longo e mágico, que é uma qualidade 'preciosa' que a torna especial. Esse aspecto ressalta o papel da beleza feminina como uma "moeda de valor" na trama, em vez de habilidades ou autonomia da própria personagem.

O outro conto analisado foi o da 'Chapeuzinho Vermelho', com 78 milhões de acessos e também possui narração e personagens em desenho animado. No caso desse conto a narrativa segue a história tradicional de uma menina que, ao visitar sua avó, é enganada e ameaçada por um lobo. Chapeuzinho é representada como uma figura ingênua e vulnerável, que acaba caindo nas armadilhas do lobo por sua falta de experiência e pela confiança que deposita nos outros.

A trama reforça papéis de gênero ao representar Chapeuzinho como frágil e com necessidade de proteção, enquanto o lobo, com sua esperteza e astúcia, é um símbolo de perigo que cabe a um personagem masculino, como o lenhador, para enfrentá-lo e vencê-lo. O fato de que um homem (o lenhador) é quem resgata Chapeuzinho e sua avó coloca-o na posição de herói, fortalecendo o papel tradicional

do homem como protetor e solucionador dos problemas, essa construção narrativa reflete como a representação da mulher está ligada à uma figura relegada de passividade e dependência, em oposição à atividade e protagonismo atribuídos ao homem (Martins, 2016).

Além disso, Moura, Silva e Borges (2021) argumentam que as figuras femininas nesses contos são frequentemente retratadas como vítimas que chamam a atenção do resgate, enquanto os homens surgem como agentes ativos de mudança, fortalecendo padrões de masculinidade heroica. Moura, Silva e Borges (2021) também apontam que a ameaça externa nos contos de fadas muitas vezes é personificada por personagens masculinos astutos e violentos, projetando medos sociais relacionados à vulnerabilidade feminina e à necessidade de proteção patriarcal.

Essa dinâmica de poder perpetua não apenas a dicotomia entre os gêneros, mas também legitima a estrutura patriarcal ao afirmar que os homens são indispensáveis na resolução de conflitos e na proteção das mulheres. Tais narrativas moldam imaginários sociais que associam heroísmo e bravura ao masculino, enquanto posicionam o feminino como subordinado e dependente, influenciando as percepções culturais de gênero de geração em geração (Moura; Silva; Borges, 2021).

O conto 'A Princesa e o Sapo', retratado em vídeo, possui 9,1 milhões de acessos e segue o formato narrativo do canal, em desenho animado, e conta a história de uma princesa que encontra um sapo, na verdade um príncipe enfeitiçado, que pede ajuda para quebrar o feitiço e retornar à sua forma humana. Relutante, a princesa eventualmente cede e, ao beijar o sapo, ele se transforma em príncipe, levando-os ao final feliz.

Este conto, embora subverta parcialmente o papel do 'príncipe herói' ao colocar o protagonista masculino em uma posição de vulnerabilidade, ainda reforça expectativas tradicionais de gênero. A princesa, inicialmente resistente ao sapo, é a responsável pela ação que 'cura' o príncipe, mas sua função está atrelada ao sacrifício de seu próprio desejo inicial — a aversão ao sapo. A moral da história incentiva a ideia de que o amor verdadeiro ou o 'final feliz' só é possível quando a protagonista feminina age de acordo com o que é esperado dela e assumindo o papel de cuidadora.

O conto de 'Cinderela' a narrativa clássica é mantida: Cinderela, uma jovem bela e bondosa, vive sob os abusos de sua madrasta e irmãs invejosas, realizando todas as tarefas domésticas enquanto sonha com uma vida melhor. Quando um baile é anunciado para que o príncipe escolha uma esposa, Cinderela é impedida de

participar, mas com a ajuda de sua fada madrinha, consegue um vestido deslumbrante e uma carruagem mágica que a levam ao baile. Lá, ela encanta o príncipe, mas precisa sair apressadamente à meia-noite, deixando para trás um sapatinho de cristal, que se torna o meio pelo qual o príncipe a reencontra e a ‘resgata’ de sua vida de servidão.

A história reforça papéis de gênero ao apresentar Cinderela como uma figura passiva e submissa que, apesar de sua situação difícil, não toma nenhuma ação direta para mudar sua realidade. Em vez disso, sua ‘redenção’ e felicidade dependem do príncipe, que a resgata por meio do casamento. Assim, a narrativa fortalece o ideal de que o ‘final feliz’ para uma mulher é alcançado por meio da união com um homem poderoso e admirado, colocando o valor de Cinderela em sua beleza e bondade, atributos femininos clássicos, em vez de suas habilidades ou iniciativa.

Por fim, no conto da ‘Branca de Neve e os Sete Anões’, apresentado no formato clássico e com 29 milhões de acessos, Branca de Neve é uma jovem princesa cuja beleza desperta a inveja de sua madrasta, a Rainha Má. Após inúmeras tentativas de eliminar a enteada, a madrasta finalmente oferece a Branca de Neve uma maçã envenenada, que a coloca em um sono profundo. Ela é encontrada pelos sete anões, que a protegem, mas sua salvação definitiva ocorre quando um príncipe a encontra e, com um beijo, a desperta do feitiço.

Esse conto reforça papéis de gênero tradicionais ao posicionar Branca de Neve como uma figura passiva, cuja virtude principal é a sua beleza e bondade. Assim como em "Cinderela", Branca de Neve não age para mudar seu destino; ao contrário, depende da intervenção de um homem para ser ‘salva’. O príncipe, por sua vez, assume o papel de herói ao resgatá-la do feitiço, reforçando a ideia de que o poder e a iniciativa cabem aos homens, enquanto as mulheres devem ser doces e tolerantes, mesmo diante de circunstâncias adversas.

Na análise dos contos dos canais selecionados é essencial destacar as relações complexas entre os contos de fadas — Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, A Princesa e o Sapo, Cinderela e Branca de Neve e os Sete Anões — e suas apresentações nos canais de *YouTube* voltados ao público infantil. Os resultados desta análise revelam que esses contos, ainda que adaptados e frequentemente modernizados, mantêm traços de padrões de gênero e certos elementos de machismo e misoginia, influenciando de forma sutil (ou não) a percepção das crianças sobre papéis de gênero, identidade e comportamento.

Cada conto carrega suas características únicas que afetam as crianças de maneira específica: Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, apresentam temas de liberdade e independência feminina, mas frequentemente ainda reforçam a fragilidade da figura feminina diante da ameaça masculina. Já 'A princesa e o sapo' traz uma protagonista ativa, embora sua transformação e 'final feliz' ainda estejam atrelados ao amor romântico. Por sua vez, Cinderela e Branca de Neve permanecem ancorados em representações de beleza idealizada e salvamento feminino pelo príncipe, perpetuando a narrativa da passividade como uma virtude nas mulheres.

Considerando o contexto contemporâneo e a responsabilidade da educação infantil, sugere-se que novas abordagens para esses contos sejam adotadas no ensino. Incluí-los de forma crítica nas práticas pedagógicas possibilita às crianças um "novo olhar", que valoriza a diversidade de personagens, a coragem das protagonistas e incentiva o pensamento crítico sobre as mensagens implícitas nas histórias.

A definição de gênero como tradução de sistemas culturais é sustentada por um grupo de teóricos, engajados em defender que homens e mulheres vivem em mundos separados. Para esse grupo, desde a infância meninos e meninas são educados para agir e se comunicar de forma diferenciada. A eles são ensinados direitos e deveres, criando assim as subculturas e quando tentam comunicar-se entre si igualmente são mal sucedido (Giachini; Leão, 2016, p.1412).

Assim, a aplicação desses contos, com uma mediação apropriada, pode fomentar um ambiente de aprendizado inclusivo, que desmistifique padrões e permita que as crianças compreendam o valor do respeito, da igualdade e da autonomia, tanto para meninas quanto para meninos.

A educação sexual desempenha um papel fundamental na erradicação da sexualização feminina presente nas histórias infantis e na promoção de uma visão mais equilibrada e respeitosa das mulheres nesses contos. Ao abordar questões relacionadas ao corpo, ao respeito e à igualdade de gênero desde tenra idade, a educação sexual proporciona às crianças uma base sólida para entender e questionar padrões e representações prejudiciais.

Primeiramente, a educação sexual oferece às crianças um entendimento claro sobre consentimento, respeito e igualdade. Quando ensinadas sobre esses conceitos, são mais propensas a reconhecer e desafiar representações sexistas e objetificantes em histórias e mídias. Isso as capacita a formar uma visão crítica sobre as narrativas que frequentemente sexualizam personagens femininas e as apresenta como meros

objetos de desejo. Além disso, essa educação promove a consciência de que todas as pessoas merecem ser tratadas com dignidade e respeito, independentemente de seu gênero. Ao enfatizar a importância de ver as pessoas como indivíduos completos e complexos, ainda ajuda a combater a superficialidade das representações que reduzem as mulheres a padrões baseados em aparência.

Por meio de uma abordagem educativa que envolva discussão aberta e reflexão crítica sobre o conteúdo consumido, as crianças desenvolvem habilidades para questionar e discutir as narrativas que encontram. Isso não só ajuda a construir uma percepção mais saudável das mulheres, mas, também, encoraja a busca por histórias e representações que promovam a igualdade e a diversidade.

Portanto, a educação sexual é essencial não apenas para fornecer conhecimento sobre o próprio corpo e as relações, mas também para fomentar um pensamento crítico que pode dismantelar a sexualização feminina nas histórias infantis. Ao equipar as crianças com as ferramentas necessárias para entender e desafiar padrões, isso contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta dissertação refletem a relevância de analisar os contos de fadas como recursos pedagógicos no contexto digital contemporâneo, particularmente no *YouTube*, plataforma amplamente acessada por todas as faixas etárias. Ao longo do trabalho, a investigação dos contos de fadas selecionados — Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, A Princesa e o Sapo, Cinderela e A Branca de Neve e os Sete Anões — demonstrou como essas narrativas, ao serem transpostas para o meio digital, preservam traços de padrões de gênero e de sexualização feminina, elementos que podem influenciar as percepções e construções identitárias infantis.

A pesquisa evidenciou que os contos de fadas, apesar de sua natureza lúdica e fantasia, carregam simbolismos e mensagens que, ainda que sutis, podem reforçar papéis de gênero tradicionais e expectativas sociais quanto ao comportamento e aparência femininos. Esses padrões se tornaram perceptíveis nas análises dos canais de *YouTube* Varal de Histórias, *Kids Planet Portuguese* e Os Amiguinhos, que, embora ofereçam conteúdos acessíveis e adaptados ao público infantil, frequentemente perpetuam tais padrões ao incorporar versões das narrativas centradas na passividade das protagonistas ou na importância do amor romântico como resolução de conflitos.

Com base nos resultados, é imperativo que a educação infantil incorpore abordagens críticas e mediadoras ao utilizar os contos de fadas em sala de aula. Propor uma nova leitura desses contos permite que as crianças reconheçam a diversidade de papéis e realidades possíveis, estimulando o respeito às diferenças e à igualdade de gênero desde a infância.

Outrossim, os resultados desta pesquisa também podem contribuir diretamente com políticas públicas voltadas à infância e à educação, especialmente aquelas que envolvem diretrizes curriculares e marcos legais sobre mídia, equidade de gênero e proteção da infância. As discussões aqui levantadas se alinham a metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 5 (Igualdade de Gênero), reafirmando o papel da educação como promotora de justiça social e transformação cultural. Dessa maneira, é necessária a implementação de ações governamentais educativas voltadas à discussão da sexualização e dos padrões de gênero presentes nos contos, de modo

a contribuir para a formação de uma consciência crítica nos alunos, capacitando-os a questionar os modelos impostos e a valorizar personagens por suas virtudes e conquistas, e não apenas por atributos físicos.

A educação sexual tem se destacado como uma ferramenta essencial na promoção de valores de igualdade e no combate às dinâmicas que perpetuam padrões de gênero. A sexualização das personagens femininas presentes nos contos de fadas não é apenas um reflexo de padrões sociais arcaicos, mas também um mecanismo que influencia as percepções de crianças em relação a papéis de gênero e corporalidade. Este tipo de representação não apenas afeta a autoestima de meninas, mas também reforça estigmas que alimentam comportamentos discriminatórios entre meninos. Assim, é essencial que os professores introduzam ações educativas que questionem essas narrativas.

No âmbito da educação sexual, é possível trabalhar com os contos de fadas de maneira crítica, promovendo a reflexão sobre os padrões de gênero, sexualização e representações sociais. “Desse modo, investir na educação sexual no âmbito escolar possibilita repensar e desconstruir valores e hábitos arraigados de opressão a que mulheres, meninos e meninas estão expostos cotidianamente” (Santos; Scaring; Leão, 2023, p. 280).

Os docentes possuem um papel essencial na escolha e na abordagem dos contos de fadas em sala de aula. Ao selecionar histórias que apresentam personagens e enredos diversos, os professores promovem discussões sobre igualdade de gênero, respeito à diversidade e desconstrução de preconceitos. A mediação literária deve incentivar a reflexão crítica, questionando padrões e incentivando os alunos a reescreverem e reinterpretarem contos tradicionais sob novas perspectivas.

Histórias que apresentam princesas corajosas, protagonistas masculinos sensíveis ou personagens que desafiam normas de gênero contribuem para a formação de indivíduos mais críticos e empáticos. Além disso, ao diversificar as narrativas, os professores estimulam a criatividade e o pensamento reflexivo dos estudantes, permitindo que desenvolvam diferentes perspectivas sobre os papéis sociais.

A inclusão de contos de fadas livres de padrões de gênero no ambiente escolar é um passo importante para a construção de uma sociedade mais igualitária. Ao expandir as representações narrativas, os professores possibilitam que meninos e meninas explorem diferentes possibilidades de identidade e papel social, sem as

limitações impostas por construções culturais antiquadas. Dessa forma, a literatura infantil torna-se um instrumento valioso para a formação de cidadãos mais conscientes, respeitosos e críticos.

Os professores têm o potencial de recontar ou reinterpretar essas histórias, apresentando versões mais inclusivas e empoderadoras para as personagens femininas. Além disso, podem incentivar discussões em sala de aula que abordem questões como diversidade corporal, independência emocional e igualdade de gênero. Essas práticas não apenas ampliam o repertório cultural dos estudantes, mas também os ajudam a desenvolver um pensamento crítico frente a conteúdos midiáticos e literários.

As tecnologias também podem contribuir para o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, fomentando a criatividade, a comunicação, a colaboração e o domínio das ferramentas digitais. Além disso, utilizar esses recursos tecnológicos no contexto escolar pode auxiliar os alunos a aprender a lidar com diferentes mídias, a pesquisar com mais autonomia e a utilizar a informação de forma mais responsável. Além disso, o professor tem à sua disposição ferramentas que facilitam a avaliação formativa, permitindo acompanhar o progresso dos alunos em tempo real, identificar dificuldades e ajustar as estratégias pedagógicas conforme necessário. Isso fortalece o processo avaliativo contínuo, mais focado na aprendizagem do que apenas na mensuração de resultados.

Cabe ainda destacar que a sociedade atual, embora apresente avanços em relação à equidade de gênero, ainda naturaliza e aceita diversas ideias patriarcais, que se manifestam nos papéis sociais rigidamente definidos, na organização das estruturas familiares e na desvalorização histórica do trabalho feminino, especialmente em espaços públicos e profissionais. O gênero, de fato, é uma construção social que serve como elemento constitutivo de relações de poder, e, nesse sentido, o patriarcado mantém-se como uma estrutura que regula e hierarquiza as funções atribuídas a homens e mulheres, legitimando desigualdades. Tais valores, estéticos, morais, culturais e sociais, estão profundamente enraizados nas narrativas tradicionais, como os contos de fadas, e continuam sendo reproduzidos de maneira acrítica tanto no ambiente escolar quanto nas mídias digitais voltadas ao público infantil.

Esse cenário reflete o que se denomina como 'pedagogias da norma', nas quais discursos culturais, como o literário e o midiático, ensinam, ainda que de forma

implícita, comportamentos considerados aceitáveis segundo padrões hegemônicos de gênero e sexualidade. Como consequência, as representações femininas tendem a estar ligadas à submissão, à passividade, à beleza física como valor central e à expectativa de maternidade e casamento como destino final, enquanto os modelos masculinos reforçam virilidade, autonomia e liderança.

Entretanto, é fundamental compreender que a sociedade não é estática; ao contrário, está em constante transformação, moldada pelas disputas simbólicas e políticas que ocorrem em diferentes contextos sociais. Essa dinamicidade possibilita que, por meio da educação e da reflexão crítica, valores historicamente excludentes possam ser desnaturalizados, ressignificados e superados. A educação tem um papel libertador quando se compromete com a emancipação dos sujeitos, incentivando-os a reconhecer e questionar os sistemas de opressão que estruturam suas realidades.

Portanto, o ambiente escolar se configura como um espaço privilegiado para a promoção de práticas pedagógicas que estimulem o pensamento crítico e a construção de uma cultura de equidade. Por meio da leitura crítica de narrativas tradicionais, os educadores podem contribuir para a desconstrução dos modelos patriarcais internalizados desde a infância, oferecendo aos estudantes novas possibilidades de representação e identificação, pautadas na diversidade, na autonomia e no respeito às diferenças.

Enfim, é importante ressaltar que a atuação dos professores nesse processo vai além da sala de aula. A formação docente deve incluir capacitações em educação sexual e questões de gênero, para que possam abordar esses temas com segurança e sensibilidade. E o trabalho interdisciplinar é fundamental, integrando disciplinas como língua portuguesa, história e artes, para proporcionar uma compreensão mais ampla e contextualizada do problema. Somente por meio de uma abordagem sistemática e intencional é possível romper com os padrões tradicionalmente reproduzidos e oferecer às crianças uma visão mais equitativa e diversificada do mundo.

Por fim, esta dissertação sugere que os contos de fadas podem desempenhar um papel transformador na educação, desde que adaptados e problematizados conforme as exigências do contexto social atual. Assim, espera-se que o trabalho contribua para a criação de práticas pedagógicas mais inclusivas e inovadoras, promovendo uma educação que se adeque à realidade tecnológica e social do século

XXI e que, simultaneamente, cultive a sensibilidade das crianças para temas de igualdade e respeito mútuo.

Nesse escopo, propõe-se que investigações futuras abordem as múltiplas possibilidades de ressignificação dos contos de fadas, à luz de perspectivas críticas contemporâneas, tais como os estudos de gênero. Tais abordagens podem ampliar a compreensão acerca do potencial pedagógico desses textos no processo formativo de crianças em contextos diversos.

Ademais, revela-se profícuo analisar de que modo a integração dos contos de fadas com recursos multimodais e tecnologias digitais pode favorecer a aprendizagem significativa, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência social no ambiente escolar. Estudos de natureza comparativa, realizados em diferentes realidades educacionais, poderão, ainda, oferecer subsídios valiosos para a elaboração de políticas públicas voltadas à formação de professores e à consolidação de práticas pedagógicas mais inclusivas, dialógicas e coerentes com as demandas da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Andrea Vicente Toledo. **Teorias curriculares: dialogicidade, produção de conhecimento e sua relação com as mídias digitais**. Revista Inova Ciência & Tecnologia/Innovative Science & Technology Journal, p. 61-69, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das letras, 2014.
- AGOSTINI, Nilo. **Conscientização e Educação: ação e reflexão que transformam o mundo**. Pro-Posições, v. 29, n. 3, p. 187-206, 2018.
- ALVES, Camille *et al.* **Percepção do grau de sexualização no design de personagens femininas em jogos contemporâneos**. DAT Journal, v. 9, n. 1, p. 85-102, 2024.
- AUGUSTINI, Érica Rodrigues do Nascimento. **Contos de Fadas no Ensino Fundamental I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas**. 2015.
- BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina; STEIN, Vinícius. **"(In) felizes para sempre"? Imagens da Disney e a manutenção da heteronormatividade**. Bagoas- Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 10, n. 14, 2016.
- BARBOSA, David Sales. **Contos medievais e “modernos”: das reuniões em torno das lareiras aos contos de fadas**. Humanidades em diálogo, v. 8, p. 79-91, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.
- BARREIRO, Alex; MARTINS, Fernando Henrique. **Bases e fundamentos legais para a discussão de gênero e sexualidade em sala de aula**. Leitura: Teoria e Prática, v. 34, n. 68, p. 93-106, 2016. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2317-09722016000300093&script=sci_abstract. Acesso em: 30/03/2025.
- BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. **Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica**. Dimensões, Espírito Santo, v. 36, n. 1, p. 12-30, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/13864/9817>. Acesso em: 15 de abr. 2024.
- BETTELHEIM, Bruno; CAETANO, Arlene. **A psicanálise dos contos de fadas**. 2002.
- BITTENCOURT, Priscilla Aparecida Santana; ALBINO, João Pedro. **O uso das tecnologias digitais na educação do século XXI**. Revista Ibero-Americana de estudos em educação, p. 205-214, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9433>. Acesso em: 20/11/2024.

BOTH, Luciane Maria; CHAVES, Juliana. **As representações identitárias de gênero nas animações cinematográficas dos contos de fadas**. Educação, Sociedade & Culturas, n. 52, p. 105-132, 2018. Disponível em: <https://www.up.pt/journals/index.php/esc-ciie/article/view/77/69>. Acesso em: 29/03/2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOYLE, David. **O manifesto comunista de Marx e Engels**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

BRANDÃO, Marcus Lira. **As bases biológicas do comportamento: introdução à neurociência**. 2005.

BRITO, Maria Raquel Silva *et al.* **Personagens femininas nos contos de fadas: uma análise comparativa de versões clássicas e animações dos estúdios Disney**. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CANIATO, Angela Maria Pires; BALDUINO, Naiara Valdelaine. **A distorção dos contos de fadas na contemporaneidade e suas implicações no desenvolvimento da subjetividade**. Psicologia em Revista, v. 25, n. 2, p. 381-401, 2019.

CIMETTA, Luciana Fernandes; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Os contos de fadas: estratégia pedagógica para mitigar estereótipos femininos**. Revista Inter-Ação, v. 44, n. 1, p. 196-209, 2019.

COSTA, Cecília Maria Valter. **O fortalecimento do patriarcado ea desvalorização do trabalho de cuidado no capitalismo**. Serviço Social & Sociedade, v. 146, n. 3, p. e-6628347, 2023.

DESLANDES, Suely Ferreira; COUTINHO, Tiago. **O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n. suppl 1, p. 2479-2486, 2020.

DIAS, Marly de Jesus Sá et al. **A representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto cinderela**. 2019.

DUARTE, Patrícia Cristina de Oliveira; SILVA, Aldimeres Ferraz da. **Uma proposta histórico-crítica para abordagem do gênero discursivo conto de fadas em contexto de educação básica**. REPPE-Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino, v. 8, n. 1, p. 29-55, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/reppe/article/view/1430>. Acesso em: 29/03/2025.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Sociedade civil e democracia: um debate necessário**. *Libertas*, v. 8, n. 2, 2008.

FERREIRA, Gabriella; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **O que há depois do “felizes para sempre”: uma análise do conteúdo da cultura lúdica a partir das fotografias de Dina Goldstein**. In: *Sexualidade, gênero e educação sexual: diálogos Brasil-Portugal*, ed.1. Araraquara: Padu Aragon, 2014, v.1, p. 326 - 336.

FERREIRA, Patrícia Caldas Meneses. **Abandono digital e responsabilidade civil parental**, análise à luz do marco civil da internet e do estatuto da criança e do adolescente. In.: MELO, A. N.; MENDES, G. S. C. (Org.). *A humanização do Direito Civil Constitucional nos dias atuais*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. p. 75- 90.

FOLQUE, Maria Assunção. **Educação Infantil, tecnologias e cultura**. *Pátio Educação Infantil*, v. 9, n. 28, p. 8-11, 2011.

FONTOURA, Odir. **Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube**. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 33, n. 69, p. 45-63, 2020.

GIACHINI, Alessandra Cristina Bolfe; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 1409-1422, 2016.

GODOY, Maria Carolina de. **Era uma vez... Infância, representação e afro-brasilidade no reino da literatura infantojuvenil**. *REVELLI-Revista de Educação, Linguagem e Literatura (ISSN 1984-6576)*, v. 11, 2019.

GOMES, Larissa Santos; SILVA, Cláudia Yaísa Gonçalves da. **Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar**. *Psicologia da Educação*, n. 49, p. 99-115, 2019.

GRAMSCI, Antonio. **A questão meridional**. Paz e Terra, 1987.

GUERREIRO, Carla Alexandra. **Contos da Infância e do Lar: da Tradição Oral à Literatura para a Infância**. *Álabe: Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura*, n. 8, p. 3, 2013.

HAMIDI, Zarith Rafiq Binti Zainal. **Sexualization, harassment and objectification of women on social media towards gender inequality**. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/rafiqa-zainal/publication/358187181_sexualization_harassment_and_objectification_of_women_on_social_media_towards_gender_inequality/links/61f40ffb1e98d168d7d6c93f/sexualization-harassment-and-objectification-of-women-on-social-media-towards-gender-inequality.pdf. Acesso em: 01/11/2024.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. **Uma Leitura do Processo de Formação do Cânone Literário: o relativismo literário e a pretensão à universalidade**. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 18, n. 3, p. 461-473, 2008.

JEAN, Lydie; FILHO, Paulo César Ribeiro. **O paradoxo de Charles Perrault: como contos de fadas aristocráticos se tornaram sinônimo de conservação folclórica.** Literartes, v. 1, n. 12, p. 295-308, 2020.

KNAPP, Cristina Löff. **A oralidade nos contos africanos de Lourenço do Rosário.** Boitatá, v. 2, n. 3, p. 36-50, 2007.

KIDS PLANET PORTUGUESE. *YouTube*, abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/@KidsPlanetPortuguese/about>. Acesso em: 26 abr. 2023.

KIELB, Eliziane Gorete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Acesso à leitura e narração de contos de fadas na primeira infância: implicações para a formação identitária e a constituição das crianças como sujeitos sociais e de conhecimento.** Pensares em Revista, n. 18, 2020.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; REIS, Fernanda; Muzzeti, Luci Regina. **Sexualidade e infância: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos.** CONTRAPONTO (ONLINE). v.14, p.634, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Autêntica, 2018.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus; FUSCO, Elvis; SCANAVACCA, Aline Cristina. **Websites educacionais: considerações acerca da arquitetura da informação no processo de ensino-aprendizagem.** Educação em Revista, v. 11, n. 2, 2010.

MARTINS, Maria Cristina. **"E a Bela dançou...": subvertendo o belo feminino dos contos de fadas.** Revista estudos feministas, v. 24, p. 351-363, 2016.

MATA, Vilson Aparecido da. **Educação e liberdade: a pedagogia histórico crítica e a emancipação humana.** Revista HISTEDBR On-line, v. 15, n. 66, p. 211-221, 2015.

MAZIERO, Estefania; NIEDERAUER, Silvia Helena. **Literatura infanto juvenil: dos contos de fadas às narrativas contemporâneas.** Disciplinarum Scientia| Artes, Letras e Comunicação, v. 10, n. 1, p. 111-128, 2009.

MENDES, Mariza. **Em busca dos contos perdidos. O significado das funções femininas de Perrault.** 2000. São Paulo: UNESP.

MOURA, Bruna Ruiz de; SILVA, Elohá Brilha Inacio da; BORGES, Stefani Edvirgem da Silva. **A figura feminina pela perspectiva dos contos de fadas: dicotomias em discussão.** Revistas Publicadas FIJ-até 2022, v. 4, n. 2, p. 119-138, 2021.

MAIA, Renata Santos; MAIA, Cláudia J. **Os contos de fadas no cinema: uma perspectiva das construções de gênero, sua história e transformações.** Revista Agora, n. 22, p. 258-274, 2015.

MENDONÇA, Catia Toledo. **De contar e encantar: As mil e uma noites.** Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 4, p. 62-74, 2013.

MELLO, Gabriela Vieira; ARAÚJO, Mara Lúvia. **Influência do tempo em frente às telas na interação pais-filhos**. Perquirere, v. 1, n. 18, p. 347-358, 2021.

MENDES, Camila da Silva; MASON, Ana Paula Uliana. **A magia dos contos de fadas**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 8, n. 10, p. 148–164, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i10.7041. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7041>. Acesso em: 28 jul. 2024.

MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno**. Editora Nova Alexandria, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In.: DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; MINAYO, M.C.S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 9-29.

NERY, Carmen. **Em 2023, 88,0% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram Internet**. Agência IBGE notícias, 16 de ago. de 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet#:~:text=As%20crian%C3%A7as%20e%20os%20idosos,de%2025%20a%2029%20anos>. Acesso em: 30/03/2025.

OLIVEIRA, Nedia Maria de; MARINHO, Simão Pedro P. **Tecnologias digitais na Educação Infantil: representações sociais de professoras**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, p. 2094-2114, 2020.

OS AMIGUINHOS. *YouTube*, nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/OsAmiguinhosTV/about>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PEREIRA, Ana Carolina Reis. **Os desafios do uso das tecnologias digitais na educação em tempos de pandemia**. ETD Educação Temática Digital, v. 24, n. 1, p. 187-205, 2022.

PEREIRA, Jaqueline Vilela; SANTANA, Isael José. **Evolução histórica dos contos de fadas à luz dos interesses sociais**. Contribuciones a las ciencias sociales, v. 16, n. 10, p. 22297-22316, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2684>. Acesso em: 12/11/2024.

POLETTO, Lizandro; REIS, Maria José Teixeira de Souza. **Os contos de fadas**. Revista Gestão & Tecnologia, v. 1, n. 38, p. 24-39, 2024.

ROSA, Priscilla Maria Faraco; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Ciberdependência e infância: as influências das tecnologias digitais no desenvolvimento da criança**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 3, p. 23311-23321, 2021.

RODRIGUES, Renilda. **Literatura Infantil: uma leitura da história**. Revista sentidos da Cultura, v. 2, n. 2, p. 65-80, 2015.

SANTOS, Denise Cristina Costa França dos; SCARINGI, Vanessa Cristina; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Violência de gênero no filme moana: uma análise do simbolismo presente nesta animação infantil.** Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 5, n. 3, p. 266-285, 2023. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/587/612>.

Acesso em: 13 de jan. de 2025.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalo; SOARES, Amanda Teresinha Gomes. **Era uma vez: os contos de fadas e as relações de gênero na perspectiva das professoras.** Revista Debates Insubmissos, v. 1, n. 3, p. 32-62, 2018.

SANTOS, Rachel Costa Ferreira dos; PEREIRA, Anderson de Carvalho. **Posição-sujeito, processo de ressignificação e singularidade em narrativas contadas por crianças no Youtube.** Revista Educação e Linguagens, v. 9, n. 18, p. 324-348, 2020.

SATLER, Lara Lima; CARRIJO, Ana Júlia. **INFÂNCIA E YOUTUBE.** Revista GEMInIS, v. 10, n. 1, p. 49-70, 2019.

SCARINGI, Vanessa Cristina; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Coraline e o mundo secreto: imagens da violência sexual contra crianças e adolescentes in: leituras sobre a sexualidade: Gênero e Infâncias**, ed.1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, v.1, p. 133 - 148.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea.** Psicologia em revista, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009.

SCHUCH, Camila Mariana; SARAIVA, Juracy IA. **Representação da autonomia da personagem feminina em contos de fada de Marina Colasanti.** Estação Literária, v. 19, p. 160-172, 2017.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott.** Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SEABRA, Sílvia Lorenzoni Perim; ROSSETTI, Claudia Broetto. **Aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil: investigação por meio de um conto de fadas em versão multimídia.** Construção psicopedagógica, v. 24, n. 25, p. 133-148, 2016.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação.** Editora Contexto, 2015.

SILVA, Ângela Carrancho da. **Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática.** Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, v. 19, n. 72, p. 527-554, 2011.

SILVA, Luciana Martins *et al.* **A Era Digital da Educação: impactos e transformações no âmbito educacional sob a ótica dos professores.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 9, p. 3877-3891, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/15859>. Acesso em: 30/03/2025.

SILVA, Rafael Celestino da; FERREIRA, Márcia de Assunção. **Construindo o roteiro de entrevista na pesquisa em representações sociais: como, por que, para que.** Escola Anna Nery, v. 16, p. 607-612, 2012.

SILVA, Sergio Gomes da. **Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher.** Psicologia: ciência e profissão, v. 30, p. 556-571, 2010.

SILVÉRIO, Marcela Silva Martins *et al.* **Os desafios do uso das tecnologias na educação infantil.** REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681), v. 8, n. 1, p. 272-297, 2022.

SOARES, Livia Maria Rosa; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti.** Santa Cruz do Sul: Signo, v. 40, n. 68, p. 75-83, 2015.

SCHURIG, Sofia. **Quase metade das crianças de até 2 anos tem acesso à internet no Brasil.** Núcleo. 12 de fev. de 2025. Disponível em: https://nucleo.jor.br/curtas/2025-02-12-internet-criancas-cetic/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 21 de jul. de 2025.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Contos de fadas também é coisa de gente grande: aplicabilidade terapêutica de histórias infantis para adultos.** Revista ACB, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 548-563, 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1403>. Acesso em: 7 jul. 2024.

SOUZA, Janice Zanon Piacentini; GITAHY, Raquel Rosan Christino. **O uso da internet como recurso para pesquisa.** Interfaces da Educação, v. 1, n. 1, p. 20-31, 2015.

SOUZA, Ravelli Henrique de; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CONTOS DE FADAS: atributos para pensar a(s) infância(s) e a educação na contemporaneidade.** Revista Saberes Pedagógicos, Londrina, v. 5, n. 2, p. 22-43, 8 set. 2021. Fundação Educacional de Criciúma- FUCRI. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/6417/5826>. Acesso em: 22 fev. 2023.

TATAR, Maria. **Contos de fadas.** edição comentada e ilustrada. Edição, introdução, 2004.

TILLY, Charles. **O acesso desigual ao conhecimento científico.** Tempo social, v. 18, p. 47-63, 2006.

USSEL, Jean Vincent (1980). **Repressão sexual.** (S. Alberti Trad.). Rio de Janeiro: Campus.

VALVERDE, A. **Humanismo, ciência, cotidiano—sob o Renascimento.** Margem, São Paulo, n. 17, p. 63-7, 2003.

VARAL DE HISTÓRIAS. *YouTube*, jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/28934/16187>. Acesso em: 26 abr. 2023.

VASCONCELLOS, Caio; PUZONE, Vladimir. **Estática e dinâmica do capitalismo tardio na teoria crítica**. *Tempo Social*, v. 30, n. 3, p. 85-102, 2018.

VOLOBUEF, Karin. **Um estudo do conto de fadas**. *Revista de letras*, p. 99-114, 1993.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; DA SILVA, Paola Helena Muxfeldt Morandi. **A contribuição das narrativas orais de histórias para aprendizagem: a visão do professor alfabetizador**. *Cadernos de Pós-graduação*, v. 20, n. 1, p. 218-231, 2021. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/cadernosdepos/article/view/19343>. Acesso em: 10/11/2024.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ANÁLISE DOS VÍDEOS

Nome do canal:

Autoria:

Quantidade de acessos em ____/____/____:

CONTO: _____

O conto de fadas se apresenta como:

- Versão original na íntegra
- Fragmentos da versão original
- Versão adaptada

1. A/o *Youtuber* aparece durante a contação da história?

- Sim
- Não

1.2 Caso ela/e apareça, como a/o *Youtuber* se apresenta?

- Maquiada/o
- Vestida/o com roupas infantis
- Caracterizada/o como a personagem do conto
- Mascarada/o

2. É utilizado algum tipo de acessório/recurso/apoio nesta contação?

- Sim
- Não

2.1. Se sim, que recurso se tem?

- Livro impresso
- Slides com ilustrações do conto
- Fantoques/tecidos
- Trilha sonora
- Efeitos especiais na imagem
- Efeitos especiais no som
- Intérprete de Libras
- Legendas
- Outros. Quais? _____

3. Qual o tipo de cenário utilizado nos vídeos?

- Com desenhos computadorizados
- Com cenografia
- Outros? Quais? _____

4. Em relação às personagens femininas dos contos, são retratadas de que modo:

- Mulheres indefesas que precisam de ajuda para serem salvas de alguma situação
- Mulheres que não precisam de ajuda para saírem de alguma situação
- Mulheres empoderadas
- Outra forma. Quais? _____

5. Nos trechos em que as personagens femininas precisam de ajuda, quem as ajuda?

- Um personagem masculino
- Um personagem feminino
- Outro.

6. As personagens femininas centrais são retratadas como sendo

- Personagem frágil
- Personagem forte

Outra forma. Quais? _____

7. Os personagens masculinos são retratados como sendo

- Homem forte e poderoso
- Homem frágil
- Homem agressivo

Outra forma. Quais? _____

8. As personagens femininas precisam de um homem para terem um final feliz?

- Sim
- Não

8.1. Se não, de que forma é descrito o final para elas?

9. As personagens mais jovens dos contos são:

- As princesas
- As vilãs/bruxas
- Outros. Quais? _____

10. As personagens mais velhas dos contos são:

- As princesas
- As vilãs/bruxas
- Outros. Quais? _____

11. Como são descritas as personagens principais dos contos?

Descrição: _____

12. Como são descritas as vilãs/bruxas dos contos?

Descrição: _____

13. É possível observar padrões de gênero presentes nestes contos?

- Sim Não

13.1. Se sim, quais?

14. Nestes contos é possível observar elementos de machismo?

- Sim não

14.1. se sim, cite exemplos.

15. Nestes contos nota-se elementos de sexismo?

() Sim () não

15.1. se sim, cite exemplos.

16. Tem-se aspectos de misoginia presente nestes contos? Se sim, cite exemplos.

() Sim () não